

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JULIANA TAMAKI

**O CONSUMO DE JORNALISMO PELAS PESSOAS COM
SÍNDROME DE DOWN**

**São Borja - RS
2019**

JULIANA TAMAKI

**O CONSUMO DE JORNALISMO PELAS PESSOAS COM
SÍNDROME DE DOWN**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Marco Bonito

**São Borja - RS
2019**

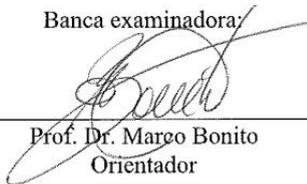
JULIANA TAMAKI

**O CONSUMO DE JORNALISMO PELAS PESSOAS COM
SÍNDROME DE DOWN**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 02 dezembro de 2019.

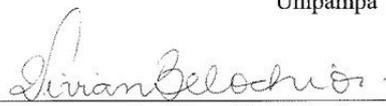
Banca examinadora



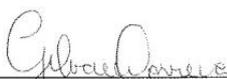
Prof. Dr. Marco Bonito
Orientador
Unipampa



Prof. Dra. Alciane Nolibos Baccin
Unipampa



Prof. Dra. Vivian de Carvalho Belochio
Unipampa



Ma. Gilvane Belem Correia
Unipampa

Dedico esse trabalho à pessoa que me ensinou como ser uma mulher empoderada anos atrás, mesmo sem saber o que isso significava. À minha avó, Maria Benedita dos Reis. Mineira que me ensinou sobre a vida, sobre o mundo, sobre amar e respeitar. Sobre ser desprendida e ser mulher. Tua vida aqui na terra me iluminou. Te amo pra toda a eternidade!

AGRADECIMENTOS

Como bem dizia Paulo Freire, “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Não pretendo mudar o mundo com esse trabalho, mas sei o quanto esse trabalho mudou meu mundo.

Tenho muitos agradecimentos para distribuir.

Começo expressando todo o meu amor e gratidão aos meus pais: Cristiane e Adriano. A eles, que sempre acreditaram em mim e na força da criação que me deram. Por financiarem meu sonho, muitas vezes se desfazendo dos próprios para me propiciar uma educação superior de qualidade. Ao meu irmão Vitor, simplesmente por existir e me dar forças para seguir em frente. Aos meus amigos e familiares de Atibaia e Bragança Paulista, que sempre me acolhem tão bem, eu amo vocês!

Ao meu amigo Tiago Silva, que mesmo com a distância sempre me ajudou com o que podia, sempre com uma palavra amiga, um “eu acredito em você”, “você me surpreende”. Você não tem ideia do quanto foi especial neste ciclo!

Aos amigos que São Borja me deu: Caroline, Mila e Luis, meu eterno quarteto. Eu amo cada momento, os choros, as alegrias, os churrascos... Tudo o que passamos juntos me marcou eternamente! Um agradecimento especial a minha companheira de mate e de madrugadões de TCC, Carol, obrigada por existir. Você me inspira!

Nos últimos 2 anos, meu melhor amigo e companheiro entrou em cena nos dias em que me esquecia do que era capaz. Nos momentos em que me desesperava com a quantidade de afazeres. No dia em que perdi minha avó. No dia em que contei meus planos para o futuro. Gabriel, sou eternamente grata pelo ser de luz que és. Por me ajudar a brilhar dia após dia. Por me ouvir. Por dividir sua família comigo. Te amo!

Aos professores que me inspiram: Sara, Vivian, Livia, Mara, Marcelo e por fim, meu orientador, Marco. Vocês me influenciaram a ser uma acadêmica ativa, a lutar por meus direitos como cidadã e mulher. Mostraram-me caminhos impensáveis. Ensinarão-me a não desistir das minhas aspirações mesmo em um cenário de desesperança. Foram verdadeiros professores e quando preciso, mostravam um lado amigo e humano. Sara, professora que com sua sinceridade e paixão, me demonstrou que telejornalismo é mais do que aquilo que se vê. Vivian, que em suas aulas me ensinou que uma pauta bem apurada pode te levar a mil outros caminhos (plataformas). Livia, uma mulher de fibra, dedicada e apaixonada pelo Jornalismo:

você me ensinou a amar (ainda mais) nossa profissão com teu brilho no olhar. Ao Marcelo, que me deu uma única disciplina lá no meu primeiro semestre, em 2016. Você é especial! Mostrou que o Jornalismo também pode ter um toque de literário e como sentir a magia inexplicável que emana quando escrevemos sobre o que amamos.

Ao meu orientador, que mesmo com seus próprios monstros pessoais, ainda encara de frente nossas batalhas, que foi coordenador do curso por três dos meus quatro anos na Unipampa. Você foi (e ainda é) valente. Obrigada por ser quem me orientou nesses últimos três anos. Obrigada por me mostrar os caminhos acadêmicos e da vida. Pelas jantãs informívoras regadas a conversas sobre o futuro. Por acreditar que o Jornalismo pode ser acessível para pessoas com deficiência. Por me mostrar esse multiverso que tanto amo. Por ser meu amigo em momentos bons e ruins. Você foi parte essencial da minha metamorfose.

Também não posso deixar de lembrar das minhas colegas do grupo de pesquisa. Lá, aprendi tantas coisas que nem haveria espaço para descrever. Às colegas de curso, Paula e Eduarda, e minha amiga e veterana, Larissa, cada vez que compartilhamos o desespero com os prazos do TCC ou quando apenas jogamos papo fora sobre a vida... Vocês se mostraram incríveis!

Agradeço às minhas fontes e seus familiares. Por toparem entrar neste desafio junto com meu orientador e eu. Com a ajuda de vocês eu aprendi, cresci, me tornei uma mulher e Jornalista melhor. Sem vocês nada disto seria possível! Serei eternamente grata pelo carinho com que trataram minha pesquisa.

E é claro que não poderia deixar de lembrar e agradecer à Universidade Federal do Pampa. As pessoas fazem desta universidade um ser vivo. Aos técnicos e funcionários que nestes quatro anos foram minha família. Ao meu amigo e confidente, William. Obrigada família Unipampa!

Como eu mencionei lá no início, este TCC é um caso de evolução. Minha evolução. De menina para mulher. Houveram dias de incertezas, dias em que não sabia se conseguiria chegar até aqui. Nesses dias, esses anjos me lembravam do que sou capaz, de onde cheguei e até onde quero ir. Sem vocês, eu não seria o que sou. A vocês, minha eterna gratidão!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca compreender como é o consumo de Jornalismo de pessoas com Síndrome de Down do município de São Borja. Para isso, foi proposta uma investigação participante com quatro personagens fazendo uso de metodologias como a pesquisa de campo e observação participante. O contexto abrange a Ecologia Midiática (SODRÉ, 2009), do consumo de mídias jornalísticas de pessoas com Síndrome de Down. Realizou-se uma pesquisa de recepção do consumo de Jornalismo desses sujeitos, para compreender como isso se reflete no modo de cidadãos. Além disso, proporciona uma reflexão crítica e fundamentada sobre o tema, procurando agregar valor na prática da produção jornalística para pessoas com Síndrome de Down.

Palavras-Chave: Pesquisa de Consumo; Pessoas com Síndrome de Down; Jornalismo e cidadania comunicativa.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) seeks to understand how is the consumption of Journalism of people with Down Syndrome in the municipality of São Borja. For this, a participatory investigation with four characters was proposed using methodologies such as field research and participant observation. The context covers the Media Ecology (SODRÉ, 2009), of the consumption of journalistic media of people with Down Syndrome. A research was conducted on the reception of journalism consumption of these subjects, to understand how this is reflected in the mode of citizens. In addition, it provides a critical and grounded reflection on the theme, seeking to add value in the practice of journalistic production for people with Down Syndrome.

Keywords: Consumer Survey; People with Down Syndrome; Journalism and communicative citizenship.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA DA PESQUISA	11
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	12
1.3 OBJETIVOS	13
1.3.1 Geral	13
1.3.2 Específicos	13
1.4 JUSTIFICATIVA	13
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	16
2.1 PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN NO BRASIL	19
2.2 ECOLOGIA MIDIÁTICA	21
2.2.1 Jornalismo impresso	23
2.2.2 Radiojornalismo	24
2.2.3 Telejornalismo	24
2.2.4 Webjornalismo	25
2.3 JORNALISMO CONTEMPORÂNEO	26
2.4 CONSUMO DE JORNALISMO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN	28
3. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL	30
3.1. MEIOS E MEDIAÇÕES DE SUJEITOS COMUNICANTES	30
3.2 JORNALISMO COMO MEIO DE CIDADANIA COMUNICATIVA	31
3.3 ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA	33
3.4 TECNOLOGIA ASSISTIVA	34
4. TÉCNICAS METODOLÓGICAS	35
4.0 UNIVERSO DA PESQUISA E COMITÊ DE ÉTICA	35
4.1 PESQUISA EXPLORATÓRIA	36
4.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	37
4.3 PESQUISA DA PESQUISA	37
4.4 PESQUISA TEÓRICA	38
4.5 PESQUISA DE RECEPÇÃO	39
4.6 PESQUISA EMPÍRICA	39
4.7 PESQUISA DE CAMPO	40
4.8 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	41
5. DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO	43
5.1 Fernanda Cabral - Participante 1	44
5.1.1 Primeiro contato (18/09/2019)	44
5.1.2 Segundo contato (18/09/2019)	45
5.1.3 Terceiro contato (25/09/2019)	46

5.2 Lucas Mendes - Participante 2	48
5.2.1 Primeiro contato (18/09/2019)	48
5.2.2 Segundo contato (24/09/2019)	48
5.2.3 Terceiro contato (27/09/2019)	49
5.3 João Mauro - Participante 3	51
5.3.1 Primeiro contato (21/10/2019)	51
5.3.2 Segundo contato (22/10/2019)	52
5.3.3 Terceiro contato (23/10/2019)	53
5.4 Rute Silva - Participante 4	55
5.4.1 Primeiro contato (23/10/2019)	55
5.4.2 Segundo contato (28/10/2019)	56
5.4.3 Terceiro contato (30/10/2019)	56
5.5 - Participante 5	58
6. ANÁLISE DO CAMPO EMPÍRICO	59
7. CONSIDERAÇÕES GERAIS	63
8. POSFÁCIO: PROPOSIÇÕES FUTURAS	66
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	70
ANEXOS	71

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca desenvolver questões pertinentes sobre o consumo jornalístico de pessoas com Síndrome de Down. Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), com o intuito de investigar como se dá o consumo de Jornalismo de pessoas com Síndrome de Down do município de São Borja.

Parte-se da questão problema “Como é o consumo jornalístico de Pessoas com Síndrome de Down no município de São Borja?” e do objetivo geral, compreender como pessoas com Síndrome de Down do município de São Borja consomem jornalismo e de que maneira isso influencia na constituição da sua formação cidadã. Já os objetivos específicos são: a) Desenvolver uma pesquisa de observação participante sobre quatro sujeitos com Síndrome de Down residentes em São Borja; b) Evidenciar quais plataformas jornalísticas consomem e como consomem e; c) Identificar a cultura midiática jornalística desses indivíduos.

A justificativa se baseia na pesquisa exploratória sobre as pessoas com Síndrome de Down no Brasil e a identificação da escassez de pesquisas acadêmicas relacionadas ao consumo dessas pessoas, como evidenciado na pesquisa inicial deste trabalho, intitulado como “Pesquisas exploratória e de contextualização sobre o consumo de jornalismo de pessoas com Síndrome de Down”, disponível nos anais do Intercom Sul 2019.

Considerando como uma questão de utilidade pública e de dever jornalístico a problematização de questões como estas, justifico este trabalho como necessário para a comunidade acadêmica da área da Comunicação Social. Deste modo, proponho a discussão do tema a partir da contextualização, delimitação, objetivos e justificativa, para nortear a construção da pesquisa, de forma que estabeleça uma compreensão sobre o que está sendo investigado, assim como as discussões teóricas fundamentadas por autores que permitem promover argumentos críticos sobre o jornalismo e sua relação com a constituição da formação cidadã desses indivíduos.

Como técnicas metodológicas, utilizei-me das pesquisas de recepção, empírica, de campo e da observação participante com cinco personagens munícipes de São Borja. Além disso, pude experienciar como produzir um diário de campo para posteriormente construir a descrição do campo empírico e das análises dos personagens.

1.1 PROBLEMA DA PESQUISA

O surgimento de um problema de pesquisa é, segundo Markoni e Lakatos (2003), a primeira etapa para emoldurar o conhecimento e expectativas do recorte da investigação e desencadeador da pesquisa. “Toda investigação nasce de algum problema teórico/prático sentido. Este dirá o que é relevante ou irrelevante observar, os dados que devem ser selecionados. Esta seleção exige uma hipótese, conjectura e/ou suposição, que servirá de guia ao pesquisador”. (MARKONI e LAKATOS, p. 97. 2003)

Delimitado o problema e o recorte da investigação, na pesquisa exploratória, conceito muito abordado por Bonin, no livro “Metodologias da pesquisa em comunicação”, busca-se a aproximação entre o objeto concreto e o empírico da pesquisa. Observando as especificidades do objeto em questão, busca-se por meio dos métodos e critérios as várias angulações do problema. A contextualização é um aspecto configurador da problemática, como afirma Maldonado (2009): “é um processo de reflexão, aprofundamento, sistematização e exposição que dá valor sócio-histórico e científico aos projetos.”

A investigação aqui proposta, teve início no ano de 2017 em que a pesquisadora teve contato com questões relacionadas à acessibilidade comunicativa no grupo de pesquisa em que participava. Neste momento, a intriga está ligada às questões de como produzir conteúdos acessíveis para todas as pessoas, incluindo pessoas com deficiência. A partir daí surgiu o questionamento de como pessoas com Síndrome de Down consomem jornalismo.

Para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida, foi preciso reunir informações sobre como o jornalismo trata pessoas com deficiência, mais centrado nas pessoas com SD. Além disso, foi necessário coletar dados mais específicos sobre esses indivíduos. Todos os dados colhidos dão força para que a pesquisa não fique apenas no campo abstrato.

Em 1866, essa anomalia genética foi primeiramente chamada de “mongolismo”, por causa dos traços orientais identificados pelo médico inglês John Langdon Down (BOTTINO, 1991). Foi nesse ano em que surgiu a expressão pejorativa associada a retardo mental, mongolóide. Apenas em 1958 que o médico francês Jérôme Lejeune detalhou a síndrome genética e rebatizou em homenagem ao doutor Down. Lejeune descobriu o que tornava os Down "diferentes" dos outros: no par 21, há um cromossomo extra.

Com todo o exposto até o momento, decidiu-se como pergunta problema deste projeto: Como é o consumo jornalístico de Pessoas com Síndrome de Down no município de São Borja?

Para que as pessoas com Síndrome de Down não se tornem marginalizadas, é preciso criticar as formas em que a mídia os trata e propor métodos de inclusão para essas pessoas. Como já tratado anteriormente, existem leis que amparam (ou deveriam) esse público, porém por vezes, sem que haja a devida fiscalização por parte do poder público não é efetiva a garantia de direitos desses cidadãos.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O tema proposto é o consumo jornalístico de pessoas com deficiência e, a partir disso, o objeto trata sobre o consumo de Jornalismo para Pessoas com Síndrome de Down. Para isso, esta pesquisa tem como objetivo problematizar de que maneira as Pessoas com Síndrome de Down consomem jornalismo.

Foi delimitado trabalhar com cinco personagens para essa pesquisa, seguindo a proporcionalidade dos resultados do Censo Demográfico de 2010, onde as deficiências atingem mais 51,1% mulheres que aos 48,9% de homens, portanto, deste modo, seriam três mulheres para cada dois homens. Porém, diversos fatores contribuíram para que a pesquisa fosse desenvolvida com apenas quatro fontes, a justificativa está melhor detalhada no capítulo 5.5 deste trabalho. As pessoas com Down, foram chamadas para participar da pesquisa através do contato com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaie) do município de São Borja e também por indicação.

A faixa etária pré-estabelecida é de pessoas entre 20 a 64 anos, pois é onde se concentra o maior número de pessoas com deficiência intelectual, além de possuir de um a cinco salários mínimos (determinado na época como R\$550, portanto, de zero a R\$2.750) segundo o último Censo.

Para que seja possível garantir a representatividade das pessoas com Síndrome de Down, foi proposto que os integrantes desse projeto fossem moradores do local em que a pesquisadora está desenvolvendo o Trabalho de Conclusão de Curso, ou seja, no município de São Borja. Este município está situado na fronteira oeste da região Sul do Brasil, fronteira com a cidade de Santo Tomé na Argentina.

Deste modo, propõe-se com essa investigação, uma pesquisa de recepção com relação ao consumo de Jornalismo de pessoas com Síndrome de Down. Para além da pesquisa de recepção, espera-se entender se o Jornalismo exerce alguma influência no exercício da cidadania desses sujeitos.

1.3 OBJETIVOS

Os objetivos devem demonstrar o foco do estudo proposto. No objetivo geral, deve-se determinar, “em nível macro, as ações que levarão ao desenho geral da execução da pesquisa” e nos objetivos específicos se evidencia “em nível micro as ações necessárias para responder às questões apontadas na problemática da pesquisa” (DUARTE, 2010, p. 43) confirmando ou refutando as hipóteses levantadas inicialmente pela pesquisadora.

1.3.1 Geral

- Compreender como pessoas com Síndrome de Down do município de São Borja consomem jornalismo e de que maneira isso influencia na constituição da sua formação cidadã.

1.3.2 Específicos

- Desenvolver uma pesquisa de observação participante sobre cinco sujeitos com SD residentes em São Borja.
- Evidenciar quais plataformas jornalísticas consomem e como consomem.
- Identificar a cultura midiática jornalística desses indivíduos.

1.4 JUSTIFICATIVA

Para justificar a pesquisa aqui proposta é preciso “explicitar a importância de sua pesquisa e de seus desdobramentos” (DUARTE, 2010, p. 44) buscando justificar os porquês do tema: a relevância, as delimitações do objeto, o enfoque, período e instrumentos metodológicos, o tipo da pesquisa e assim por diante. Nesse sentido, a coleta de dados sobre

as Pessoas com Down ajuda a entender o universo a ser estudado e aproximar a relevância social em que se enquadra a investigação.

Ainda não se tem uma estatística precisa no Brasil, mas estima-se que um a cada 700 partos, no país, seja de um bebê com Síndrome de Down (S.D). Ou seja, cerca de 270 mil pessoas tem essa síndrome no país. Sabe-se que o desenvolvimento físico e mental dessas pessoas é mais lento devido às consequências da trissomia¹. Mas é muito importante ressaltar, que não existem graus da síndrome, que cada indivíduo tem sua capacidade intelectual aumentada devido aos estímulos que recebe desde a infância. A *Pediatric Database*² (1994) classifica diversas das anomalias que podem ser detectadas com exames específicos no caso de paciente com a Síndrome.

Quanto à autonomia dessas pessoas, está sendo feito um levantamento de dados onde poderá se averiguar pessoas que acessam jornalismo e dimensionar a autonomia midiática dessas pessoas, como executam suas atividades diárias e como superaram as barreiras sociais e cognitivas da trissomia.

Visto que, em pleno século XXI, ainda existe falta de acessibilidade comunicativa para esse público, a Jornalista membro do Conselho da *Down Syndrome International*, Co-Fundadora do Movimento Down e fundadora da Inclusive — Inclusão e cidadania, Coordenadora Estratégica do Instituto MetaSocial, Patrícia Almeida, fez um guia prático de como a imprensa deve tratar pessoas com deficiência.

Acessibilidade comunicativa e exclusão social são opostos que se atraem. O jornalismo, assim como todas as áreas da comunicação, deve de maneira integral, se propor a produzir conteúdos que não excluam aqueles que a sociedade, quase que naturalmente, exclui. Ao contrário, nosso papel é agregar esses indivíduos na sociedade.

No artigo “A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital” (BONITO, 2015), o autor critica a falta dessa abordagem e produção de conteúdos por autores e profissionais da área.

No Brasil, segundo o Censo 2010 (IBGE 2012), temos 45.606.048 pessoas com algum tipo de deficiência. Em percentual, essas pessoas representam 23,9% ou seja ¼ do país é marginalizado das produções jornalísticas. Esse trabalho tem como principal objetivo

¹ Distúrbio genético em que uma pessoa tem três cópias de um cromossomo em vez de duas.

² Banco de dados de medicina pediátrica.

problematizar a falta de acessibilidade comunicativa como conceito fundamental do jornalismo.

No Brasil, não existe literatura, tampouco pesquisa publicada que indique, de maneira prática, como um profissional do jornalismo possa fazer esse tipo de conteúdo para as Pessoas com Deficiência (PcD). Portanto, esta proposta busca criticar a falta de referências sobre a produção de jornalismo para pessoas com deficiência cognitiva bem como propor algumas referências advindas de outras áreas.

Essa pesquisa se faz importante para o campo teórico, pois é pouco abordada na área da comunicação. Como futura profissional do campo da comunicação e pesquisadora num grupo de pesquisa atuante na busca dos direitos de PcD, vejo a necessidade de trazer o debate sobre pessoas com SD. De modo que a investigação possa também estar comprometida “com a realidade em que estamos inseridos (cujas dimensões incluem a política e a ética, entre outras) implica estar atento aos problemas relevantes colocados e suscitados nessa realidade” (BONIN, 2009, p. 23).

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A contextualização permite ao pesquisador fortalecer os aspectos “históricos culturais, éticos sociais e políticos da investigação”(BONIN, 2009, p. 22). Esta pesquisa se faz importante para o campo teórico, pois, é pouco abordada na área da comunicação. Com a pesquisa inicial, percebeu-se a necessidade de trazer o debate sobre pessoas com SD e o consumo de jornalismo delas. De modo que a investigação possa também estar comprometida “com a realidade em que estamos inseridos (cujas dimensões incluem a política e a ética, entre outras) implica estar atento aos problemas relevantes colocados e suscitados nessa realidade” (BONIN, 2009, p. 23).

No Brasil e em todo o mundo, pessoas com deficiência ainda são consideradas por muitos como incapazes e por esse motivo essas pessoas se tornam isoladas e marginalizadas. A acessibilidade, hoje, é o termo utilizado para qualificar o acesso a produtos e serviços a pessoas com alguma deficiência. Nesse aspecto, acessibilidade é de suma importância para garantir autonomia e liberdade a esses cidadãos. No final dos anos 2000, começaram a surgir decretos com força legal que deveriam garantir às pessoas com deficiência (PcD) direitos ligados à comunicação. Desde então, o embate entre os interesses públicos e os privados, representados pela ABERT (Associação Brasileira de Rádio e Televisão), transformaram a questão num problema insolúvel até hoje, muito disto em função das chamadas “leis que não pegam”, ou seja, que entram em vigor mas não são cumpridas e nem fiscalizadas (BONITO, 2015). A lei mais atual que fala sobre as disposições do acesso à informação e à comunicação é a que consta na chamada “Lei Brasileira de Inclusão” (2015):

Art. 63. É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente (BRASIL, 2015)

A lei de 2015 que dispõe sobre o acesso à informação e à comunicação mostra que até certo ponto o poder público se preocupa com as questões de acessibilidade. Porém, sem a fiscalização necessária para se atingir as metas, essas leis não passam de boas intenções.

No ano de 2018, o IBGE lançou uma nota técnica retificando a metodologia do último censo (2010). Na nota 01/2018, chamada de “Releitura dos dados de pessoas com deficiência

no Censo Demográfico 2010 à luz das recomendações do Grupo de Washington” o instituto, através do grupo de Washington, busca padronizar as definições das estatísticas entre diferentes países. Para isso, o Censo que antes considerava qualquer grau de deficiência, hoje apenas identifica como pessoas com deficiência aquelas que reagiram ao questionário com a seguinte resposta: “Muita dificuldade ou Não consegue de modo algum”. Desde modo, o Censo passa a desconsiderar as pessoas com grau mais leve ou moderado de deficiência, como pessoas que têm apenas certa dificuldade de locomoção, enxergam com ajuda de lentes de correção, ou quem utiliza aparelho auditivo e consegue escutar de forma moderada.

Segundo Jiani Bonin (2006), uma proposta de pesquisa deve contemplar, entre outros, os âmbitos sociais, políticos e tecnológicos, de modo a contribuir com o campo ao qual está inserida, neste caso, o campo da comunicação. Nesse sentido, percebe-se que o Jornalismo pouco trata sobre o tema pessoas com Síndrome de Down (SD). No próximo capítulo deste trabalho você irá contar com reflexões sobre como o jornalismo aborda essa síndrome.

Ainda segundo Bonin, 2009, “Na pesquisa comunicacional, saber formular e construir aspectos que dêem conta do contexto midiático e comunicacional que configura a sua particularidade é fundamental”. A contextualização torna o método de aprimoramento da pesquisa mais preciso, permite ampliar a estruturação do problema, e fortalece os aspectos históricos, culturais, éticos sociais e políticos da investigação do objeto. Para delimitar o problema e o objeto, a proposta é trabalhar a temática sobre o consumo jornalístico das pessoas com Síndrome de Down.

Além de fazer um breve levantamento sobre o que é a síndrome de Down, também é preciso destacar os pioneiros na pesquisa sobre a Síndrome no mundo. Os primeiros relatos científicos que se tem conhecimento, são do século XIX, pelo médico John Langdon Down (que por conta de suas pesquisas, posteriormente foi o homenageado dando o nome à Síndrome). Porém, muito antes disso, são encontradas pinturas rupestres, que indicam a existência de pessoas com deficiência intelectual já na pré-história. Também existe um crânio saxônico do século VII, que foi de uma pessoa com a Síndrome. Além de esculturas de civilizações anteriores aos astecas, no México.

Antes das pesquisas do cientista Inglês John L. Down, as pessoas que tinham a Síndrome eram vistas como um grupo homogêneo ao resto da população, desta forma sendo atendidas e recebendo tratamentos médicos iguais ao de pessoas sem a Síndrome, o que colaborou com diversas complicações de tratamentos. Outros dois cientistas, Seguin (1846) e

Ducan (1866) também fizeram contribuições sobre as características e similaridades dessa condição.

Quando descoberta, a SD não foi aceita como uma síndrome que atingisse todas as raças. Isso porque a sua descoberta se deu em sincronia com a era do Darwinismo. O britânico Charles Darwin, havia lançado o livro “Origem das Espécies” poucos anos antes das pesquisas relacionadas à Síndrome de Down. Por esse motivo, muitos cientistas deduziram que a Síndrome era como uma regressão racial primitiva e por esse motivo, na época a chamaram por “*mongolian idiots*”, em tradução livre: idiotas mongolóides. Só em 1958, que o cientista francês Jerome Lejeune descobriu a verdadeira causa da Síndrome através do mapeamento dos cromossomos e passou a ser considerada como uma síndrome genética. A Síndrome de Down ou trissomia do cromossomo 21 é uma disfunção na divisão celular dos cromossomos. Uma pessoa sem a síndrome possui naturalmente 46 cromossomos, já a que tem trissomia possui 47.

Pessoas com Down possuem como características físicas olhos puxados e faces mais arredondadas. Além dessas, existem as que interessam especificamente à esta pesquisa; as intelectuais. O desenvolvimento intelectual dessas pessoas é comumente mais lento que a de outras da mesma idade. Importante ressaltar que deficiência intelectual não é o mesmo que deficiência mental, portanto, não é apropriado o uso do termo para tratar de pessoas com Down.

Outro aspecto a ser lembrado é que, assim como chamar pessoas com deficiência de “portadores de necessidades especiais” caiu em desuso, desde a última convenção da ONU em 2007, não é correto chamar pessoas com SD de “portadores de Síndrome de Down”, pois quem porta algo pode deixar de carregá-lo a qualquer momento, por exemplo, o que não é o caso de pessoas com deficiência.

2.1 PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN NO BRASIL

Ainda não se tem uma estatística precisa no Brasil, mas estima-se que um a cada 700 partos no país, seja de um bebê com Síndrome de Down. Ou seja, cerca de 300 mil pessoas tem essa síndrome no país. Sabe-se que o desenvolvimento físico e mental dessas pessoas é mais lento devido às consequências da trissomia. Mas é muito importante ressaltar, que não existem graus da síndrome, que cada indivíduo tem sua capacidade intelectual aumentada devido aos estímulos que recebe desde a infância. A *Pediatric Database* (1994) classifica diversas anomalias que podem ser detectadas com exames específicos no caso de paciente com a Síndrome.

No país, as pesquisas sobre a Síndrome são mais direcionadas às áreas de saúde, bem-estar e educação. A coleta de dados oficiais é ainda mais complexa pois o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, órgão público que deveria ter um mapeamento amplo sobre a população brasileira, não possui um dado específico sobre essas pessoas. Perguntas como, por exemplo, quantas pessoas com Síndrome de Down temos no Brasil? Qual a expectativa de vida? E renda? Essas pessoas trabalham? São perguntas que ainda permeiam a pesquisa e só se pode usar estimativas de institutos como: Movimento Down, Fundação Down ou a Fundação Brasileira das Associações de Síndrome de Down (FBASD).

A luta das pessoas com a Síndrome, ficou muito visível no Brasil com o lançamento da campanha “Ser diferente é normal” no início dos anos 2000. Em 2007, por exemplo, a campanha teve espaço na novela da Rede Globo “Páginas da Vida”. Na trama, Clara, de sete anos, foi rejeitada pela avó "Marta", interpretada por Lília Cabral, que dizia não querer criar "netos com defeito". No mesmo ano, a escola de samba Império Serrano adotou como tema de samba enredo, “ser diferente é normal: o Império Serrano faz a Diferença no Carnaval”³. Além disso, a campanha criada pelo Instituto MetaSocial, ganhou diversos vídeos em que pessoas com a síndrome eram os protagonistas, entre eles, vídeos/manifesto no *YouTube* sobre como ser diferente é normal. Em um dos curtas, por exemplo, uma adolescente com SD fala sobre as coisas que gosta de fazer. Assim como as meninas da idade dela, gosta de navegar na internet, ir em festas, e sobretudo diz que sua real diferença é: gostar de tocar bateria. A campanha até hoje é usada para lembrar da normalidade das diferenças entre pessoas. No ano de 2012, a campanha ganhou uma música que tem como padrinhos o cantor Gilberto Gil e sua

³ Letra do samba enredo: <https://www.lettras.mus.br/sambas/820184/>

filha, Preta Gil. A faixa foi apresentada no Show do Criança Esperança de 2012, num quadro criado especialmente para a campanha.

Recentemente, uma pesquisa⁴ divulgada pelo site Movimento Down destaca as potencialidades de pessoas que possuem a Síndrome. Na pesquisa, 76 jovens com SD entraram ou já concluíram o ensino superior no Brasil. A primeira pessoa com Down a conseguir um diploma que se tem conhecimento na América do Sul, foi a professora Daniela Seabra, do Rio Grande do Norte que se formou em 2006. A pesquisa também mostra que o Rio Grande do Sul aparece em segundo lugar no ranking de Brasileiros com Síndrome de Down que entram em universidades, com 11 pessoas. O estado de São Paulo lidera essa lista, com 18.

É importante frisar, que as pessoas com a Síndrome são classificadas pelos médicos como indivíduos com deficiência intelectual. Mas, de acordo com a FBASD, além dessa deficiência, também é muito comum incidência de cardiopatias; Alzheimer, que alcança cerca de 30% dos adultos; também são comuns distúrbios no aparelho gastrointestinal; predisposição a infecções respiratórias; pele sujeita a dermatites frequentes; hipertireoidismo; e estima-se que 70% das pessoas com SD tenham miopia e cerca de 50% estrabismo, além da predisposição à cataratas congênitas.

Um problema que as entidades envolvidas nas causas das pessoas com SD, bem como das pessoas com deficiência em geral, tentam reverter é a falta de autonomia. Costumeiramente, os pais de sujeitos com SD tendem a superproteger seus filhos e, por esse motivo, acham não ser ideal o convívio em escolas comuns por conta da condição genética do filho. No país, existem escolas de atendimento especializado às pessoas com deficiência, como é o caso das chamadas: Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), lá indivíduos com diversos tipos de deficiência recebem atendimento especializado em vários âmbitos: médico (neurologia, psiquiatria, pediatria, ortopedia), fisioterápico, fonoaudiológico, terapia ocupacional, além de contar com o acompanhamento de profissionais como assistente social e psicólogo, de acordo com a demanda e a realidade local de cada Apae. Segundo a instituição, atualmente existem 2.201 Apaes e entidades filiadas, coordenadas por 24 Federações Estaduais, abrangendo todos os estados brasileiros para atender cerca de 250.000 pessoas com deficiência intelectual e múltipla diariamente.

⁴ Endereço do site:

http://www.movimentodown.org.br/2014/01/inclusao-leva-a-universidade-e-alem-2/?fbclid=IwAR0FO_Jbpvg--N7g8-UreTkJHlZucLVUIWbeUGYTyLYXpEt2dgM79oohma4

Além de escolas como as Apaes, frequentar escolas tradicionais são indicadas para pessoas com deficiência, é o que prega a política de educação inclusiva que reitera a condição de igualdade ao acesso à educação para todos os indivíduos. O Plano Nacional de Educação-PNE, Lei nº13.005/2014 aponta dois pontos para a educação inclusiva: 1) a “universalização do atendimento escolar” e 2) a “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”.

2.2 ECOLOGIA MIDIÁTICA

Para esse capítulo, preparamos um breve contexto de como a mídia tem um papel importante na sociedade atual e para além disso, um apanhado da diversidade midiática que “está disponível nos dias atuais”. Antes de continuarmos, é importante explicar o conceito de Ecologia Midiática para esta pesquisa, em decorrência disso, traremos autores como Muniz Sodré e João Canavilhas para esclarecer o tema.

O avanço tecnológico das últimas décadas trouxe inúmeras possibilidades de comunicação, o que tornou possível a globalização na distribuição e velocidade de distribuição de informações. Sobre o termo informação, é importante lembrar que “recorre a uma variedade de formas (filmes, notícias, sons, imagens dígitos, etc.), definidas em última análise como fonte de dados e economicamente caracterizáveis como produtos.” (SODRÉ, 2009, p. 12) ou seja, transmissor de ambíguos sinais através de estruturas socialmente organizadas.

As mídias são produtoras de realidades diversas, como aponta o autor:

Há muito tempo se sabe que a linguagem não é apenas designativa, mas principalmente *produtora* de realidade. A mídia é, como a velha retórica, uma técnica política de linguagem, apenas potencializada a modo de uma antropotécnica política - quer dizer, de uma técnica formadora ou interventora na consciência humana - para requalificar a vida social, desde costumes a atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia. (SODRÉ, 2009, p.26)

Neste sentido, é preciso conhecer as potencialidades das mídias disponíveis. Para isso, propomos o estudo das mídias. O conceito de ecologia é de autoria do norte americano Neil Postman.⁵ Segundo ele, a ecologia da mídia analisa o modo como a mídia altera a percepção

⁵ Autor, educador, teórico de mídia e crítico cultural.

da comunicação, seja da compreensão, sentimentos, forma de ser cidadão. A própria palavra ‘ecologia’ implica em estudo de ambientes, neste caso, o estudo está centrado na estrutura, conteúdo e impacto social que o ambiente midiático proporciona. Segundo Postman, por vezes os papéis desempenhados pelas mensagens são formais, explícitas e impõem um determinado comportamento ao seres humanos em três níveis:

1) Ele estrutura o que podemos ver e dizer e, portanto, fazer. 2) Ele atribui papéis a nós e insiste em jogá-los. 3) Ele especifica o que nos é permitido fazer e o que não somos. Às vezes, como no caso de um tribunal, sala de aula ou escritório comercial, as especificações são explícitas e formais. No caso de ambientes de mídia (por exemplo, livros, rádio, cinema, televisão, etc.), as especificações são mais implícitas e informais, meio ocultas por nossa suposição de que o que estamos lidando não é um ambiente, mas apenas uma máquina. A ecologia da mídia tenta tornar essas especificações explícitas. Ele tenta descobrir quais papéis a mídia nos obriga a desempenhar, como a estrutura o que estamos vendo, por que a mídia nos faz sentir e agir como agimos. A ecologia da mídia é o estudo da mídia como ambientes. (POSTMAN, 1980⁶)

Outro aspecto relevante que será observado nesta pesquisa são os chamados fatores abióticos e os fatores bióticos de um ecossistema midiático. Ambos são definidos por João Canavilhas como:

Os factores abióticos estão relacionados com a forma como o ambiente afecta a comunidade e, simultaneamente, como este é afectado por ela. Já nos factores bióticos inclui-se tudo o que diz respeito às relações entre populações, ou seja, à dependência existente entre elementos de uma mesma população, e entre esta e as outras populações. (CANAVILHAS, 2010, p.2)

Nesse sentido, é preciso estar atento aos detalhes, estar imerso no ambiente e universo dos entrevistados para poder coletar o máximo de informações possíveis e relevantes para a pesquisa. A investigação de ecologia da mídia usa como premissa que o meio é o ambiente, estudando sua “estrutura, conteúdo e impacto nas pessoas” (CANAVILHAS, 2010). Para bem entender o ecossistema da mídia, é preciso compreender o que é cultura midiática, ou seja, o que é costumeiro daquele grupo de pessoas, neste caso, de pessoas com Síndrome de Down.

No próximo capítulo, vamos relembrar algumas das mídias mais comuns e que serão levadas em conta nesta investigação, mas antes é importante ressaltar que apesar de a concepção de Jornalismo ser ampla, pode ser descrita basicamente como um serviço informativo à comunidade.

⁶ Texto disponível e: <https://media-ecology.wildapricot.org/What-Is-Media-Ecology>

O surgimento do Jornalismo é do século XVII e com relação direta com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa da época. Por conta dos avanços da técnica (leia-se tecnologia), o profissional dessa área teve de adaptar sua linguagem para poder comunicar ao maior número de pessoas possível (DINES, 2001. p.78). Nesse sentido, pôde perceber o surgimento de diversos vertentes do jornalismo, como o investigativo, esportivo, cultural, entre outros. Essas vertentes, hoje, podem ser percebidas em jornais como editorias. Dentre os meios de comunicação de massa destacamos: Jornalismo impresso, Telejornalismo, Radiojornalismo e o Webjornalismo.

2.2.1 Jornalismo impresso

O Jornalismo impresso passou por diversas crises. Alberto Dines, em seu livro *O papel do Jornal*, classifica o jornal como “o mais duradouro veículo impresso depois do livro - condicionou o ser humano contemporâneo a um processo de saber” (2001, p. 77). Esse meio de comunicação sobrevive até hoje, mesmo após a “crise do papel” e o surgimento de outros meios como o Rádio e posteriormente a TV. Dentre as características desse meio, está a periodicidade, a personalização e sua amplitude de divulgação de informações.

Ainda segundo Dines, o que é oferecido como informação em um telejornal, transmitido a cores, instiga o telespectador a se aprofundar no dia seguinte em uma edição impressa. Funciona como um estimulante do “processo de comunicação global” (2001, p. 80). Complementando a veiculação eletrônica, o jornal impresso multiplica ou potencializa a democratização das informações.

Com as transformações tecnológicas que o século XXI trouxe ao Jornalismo, as grandes empresas de jornais impressos, tiveram de passar por diversas transformações em suas redações, para poder atrair seu público alvo de modo efetivo. Belochio (2013) aponta que “essa alteração ocorre mediante a influência de novos paradigmas de produção, de distribuição e de consumo das informações, que surgem nesse cenário [atual].” Isso se dá principalmente, a partir das movimentações do jornalismo multiplataforma⁷. Tomamos por exemplo, a fusão da Gaúcha ZH⁸ do grupo RBS, em busca de unir os públicos distintos, da

⁷ Entende-se como Jornalismo Multiplataforma, a produção de qualquer conteúdo (notícias, música, texto, imagens, etc.) para mais do que uma plataforma (impresso, web e TV) dentro da mesma organização midiática.

⁸ Antes conhecida por serem empresas de Jornalismo, porém cada uma em sua plataforma, a emissora de Rádio (Gaúcha) e de Jornal Impresso (Zero Hora). A fusão das empresas do grupo RBS, se deu em setembro de 2017.

Rádio Gaúcha e Zero Hora, a empresa, fundiu suas redações, operando hoje de forma integrada.

2.2.2 Radiojornalismo

A história do Rádio no Brasil teve início em 1919 no Recife, mas só em 1922 que aconteceu a inauguração oficial da radiodifusão brasileira. O rádio esteve presente em diversos momentos históricos para o jornalismo Brasileiro, com programas como ‘A voz do Brasil’, ‘Repórter Esso’ e ‘Grande Jornal Falado Tupi’, ambos programas radiofônicos de grande destaque em suas emissoras. Segundo Ortriwano (2003, p.72), o ‘Repórter Esso’ “foi o programa radiojornalístico que conseguiu obter os maiores índices de credibilidade até hoje no Brasil”.

Os programas radiojornalísticos, segundo Nelia Del Bianco (2002), possui como forte característica a informação de fatos em tempo real, interpretados por locutores ou os chamados âncoras. Além disso, usa da interatividade com seu ouvinte e por meio de uma fala mais coloquial que nos outros meios de difusão de informações jornalísticas. O rádio também possui como forte aliado quando se trata de alcance de público, que está ligado a seu traço de regionalidade nos programas.

O radiojornalismo passou por diversas mudanças provocadas pela substituição dos meios analógicos para os digitais. Uma importante mudança é o uso dos celulares para transmissão de notícias ao vivo, no próprio local do acontecimento. Conectados à internet, os radialistas passam a ter acesso gratuito e imediato a diversas agências de notícias, jornais nacionais e internacionais em poucos cliques. Esse movimento ampliou o olhar sobre os acontecimentos noticiados, condição bem diferente da produção radiojornalística da era analógica.

2.2.3 Telejornalismo

Para esse tipo de abordagem jornalística é preciso que o texto dê suporte às imagens, ou seja, que texto e imagem sejam complementares para garantir o entendimento do telespectador (PATERNOSTRO, 1999, p. 65). Para entender o que é telejornalismo, é preciso compreender que o que é praticado em telejornais são pequenas narrativas do cotidiano, “são

falas que alicerçam a convivência e o quadro de sentidos de uma sociedade. Tornando-os assim, a noção narrativa, uma ferramenta preciosa, pois nos ajuda a compreender como o ‘contar’ torna-se constitutivo da realidade”. (FRANÇA, 2004. p. 85).

Segundo o Observatório da Imprensa, ‘Imagens do Dia’ foi o primeiro telejornal brasileiro. Nasceu com a TV Tupi, no dia 19 de setembro de 1950. um grande destaque até os dias de hoje para o telejornalismo brasileiro é o ‘Jornal Nacional’, programa que dia 1º de setembro de 2019 completou 50 anos no ar. O telejornal foi o primeiro a apresentar reportagens em cores e reportagens internacionais por transmissão via satélite ao vivo.

2.2.4 Webjornalismo

É um meio que se tornou muito comum no acesso de informações instantâneas desde pouco antes da virada do milênio, quando ocorreu o ‘boom’ da internet. Mielniczuk (2002, p. 4), classifica o Webjornalismo como “uma parte específica da Internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável” e “diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a web”. Na web se tem uma infinidade de possibilidades e de dados. Para Santaella (2013, p. 278), “o que o caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado”. Segundo a autora, a simultaneidade de interação entre ciberespaço e mundo físico divide e é dividida em diferentes focos.

No livro organizado por João Canavilhas (2014), são abordadas as sete principais características do webjornalismo, sendo elas: a hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade. Essas características fazem do jornalismo de web um meio de diversas possibilidades de disseminação de informações. Em website pode-se navegar com inúmeras possibilidades de se contar uma história, ou seja, vários roteiros a serem seguidos da maneira que o ‘consumidor’ quiser. Além de poder transitar em formas e signos diferentes, o jornalismo de web dá ao consumidor a possibilidade de imersão em ambientes que antes não era possível.

Porém, é preciso lembrar que nenhuma dessas características aborda a acessibilidade comunicativa como fundamental para ajudar a compreender os modelos teóricos do Jornalismo Digital no Brasil. Bonito (2016) afirma que “o contexto histórico e sociopolítico (...), sobre o que tange às pessoas com deficiência, suas relações com os Direitos Humanos, na

perspectiva da construção da Cidadania Comunicativa, justificam a necessidade da inclusão da ‘Acessibilidade Comunicativa’ como instância conceitual do caráter do webjornalismo contemporâneo”. Neste sentido, é preciso problematizar a falta de acessibilidade nos conteúdos jornalísticos, assim como, propor mudanças práticas para essa finalidade.

As três primeiras fases da evolução do webjornalismo foi classificada por Mielniczuk (2003), onde a autora baseada em classificações anteriores de Pavlik (2001), Silva Jr. (2002). A primeira geração não utiliza a potencialidade da Internet, se utiliza apenas de conteúdos de transposição. Ou seja, produtos de outros meios disponíveis na web. Já a segunda geração utiliza da interatividade e hipertextos, com uma linguagem não-linear. A terceira geração avança no uso de multilinearidade, hipertextos e memória, além da disseminação de recursos tecnológicos, como blogs e smartphones. A quarta e quinta gerações são classificadas por Barbosa (2007; 2013), sendo a quarta geração classificada com a possibilidade de personalização do conteúdo e o desenvolvimento de produtos articulados em torno de uma base de dados. Até o momento, temos o que se chama de quinta geração do jornalismo de web, este se caracteriza por utilizar as potencialidades das mídias móveis, fazendo uso de aplicativos e produtos autóctones, “ou seja, aplicações criadas de forma nativa com material exclusivo e tratamento diferenciado” (BARBOSA, FIRMINO DA SILVA, NOGUEIRA, ALMEIDA, 2012, p.13).

2.3 JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

Como já mencionado anteriormente, o avanço das novas tecnologias digitais ganharam espaço também ao fazer o Jornalismo. Dessa forma, nos dias atuais, é possível garantir a instantaneidade da notícia. Contudo, a emergência das redes sociais tem tensionado o jornalismo a se readaptar ao formato para não perder espaço e credibilidade na produção de conhecimento atual. Além disso, as tecnologias atuais potencializam os sentidos naturais das interfaces digitais e não servem mais apenas como “aparatos, mas extensões que amplificam não somente o alcance, mas também a presença do humano.” (CANAVILHAS e SATUF, 2015).

Para compreender a chamada convergência jornalística (SALAVERRÍA e NEGREDO, 2008), é preciso saber que se trata de um processo multidimensional:

Facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta os âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desconectados, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, de acordo a linguagem própria de cada uma (SALAVERRÍA e NEGREDO, 2008. p. 45)

Como se pode perceber, a convergência jornalística tem se mostrado presente nas produções de grandes veículos de comunicação atuais, como é o caso, por exemplo, do grupo Globo, que possui notícias de forma digital em diversas plataformas, com o domínio: G1. Além disto, também explora as potencialidades das redes sociais na propagação de seus conteúdos via web. O conglomerado, possui diversos noticiários na TV aberta, também possui o jornal impresso O Globo e a Rádio Globo.

Além desse grupo de mídia tradicional, é perceptível também a ascensão de novas franquias relacionadas à produção de Jornalismo alternativo, tendo como exemplo o Nexo Jornal, jornal digital fundado em 2015, com o propósito de contextualizar as notícias e ampliar o acesso a dados e estatísticas. Para além desse exemplo, pode-se citar alguns outros como: Mídia Ninja, Aos fatos, Jota, O antagonista, entre diversos outros, como aponta o artigo “Mapa Exploratório do Jornalismo Digital Independente no Brasil”⁹.

Nos espaços de trabalho dos jornalistas do século XXI, suas competências vão além da criação ‘tradicional’ do conteúdo textual e elementos fotográficos que complementem suas reportagens. Hoje, além da produção dos conteúdos, o jornalista é responsável também por criar novos formatos das produções multimídia para diversas plataformas. Além de exercer uma diversidade de funções, produtor, repórter, câmera, editor, entre outras.

Além dos desafios enfrentados no dia-a-dia da redação jornalística, do profissional do jornalismo contemporâneo se exige também um faro aguçado para trabalhar com o que se chama hoje de Jornalismo de dados¹⁰. Para obter conteúdos de órgãos governamentais para realização de reportagens investigativas e de interesse público, o profissional deve tomar conhecimento e usar a seu favor a Lei de Acesso à Informação.

No atual cenário de uma imensidão de publicações, muitas vezes sem identificação de fontes, se torna essencial a produção de informação de qualidade, com apuração e precisão nos dados informados. Assim, pode-se evitar a disseminação de informações falsas,

⁹ Pesquisa disponível através do link: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0700-1.pdf>.

¹⁰ Segundo GRAY; BOUNEGRU; CHAMBERS (2014), Jornalismo de dados é onde as inovações de pautas acontecem. Os dados servem de fonte para a pauta tanto quanto podem ser o núcleo da matéria.

conhecidas por Fake News¹¹ e que são um símbolo marcante da realidade atual do meio jornalístico.

2.4 CONSUMO DE JORNALISMO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Como mencionado anteriormente, dentro do Jornalismo pouco é abordado em relação ao consumo de mídias pelo público com Síndrome de Down. No artigo “Pesquisas exploratórias e de contextualização sobre o consumo jornalístico das pessoas com síndrome de down” os autores Bonito e Tamaki (2019) já mapeiam, por meio de palavras-chaves, o que foi encontrado em diversos repositórios sobre o tema. Na pesquisa, fica evidente que esse público não é contemplado, tanto com relação a pesquisas de consumo de mídia, como de maneira efetiva no consumo, devido a diversos fatores que procuramos tentar entender com este estudo.

O artigo publicado nos anais do Intercom Sul, foi um dos primeiros passos desta investigação evidenciando os procedimentos metodológicos utilizados na fase de coleta de dados da pesquisa exploratória e de contextualização sobre o consumo jornalístico de pessoas com Síndrome de Down. A coleta de dados foi feita através de banco de dados oficiais como o IBGE e sites governamentais para consulta de leis de inclusão e acessibilidade. Além disso, repositórios científicos como: Google acadêmico e Biblioteca Eletrônica Científica Online conhecida pela sigla do inglês SciELO: Scientific Electronic Library Online, fazendo uso das palavras-chaves: jornalismo e síndrome de down e também jornalismo, síndrome de down e cidadania.

Além da pesquisa em repositórios científicos, foram utilizados outros métodos de pesquisa exploratória nas redes sociais e tagueamento de conteúdos relevantes para o andamento da pesquisa. Através da pesquisa realizada, pode-se perceber que não há muitas produções que abordem a temática aqui proposta o que colabora com o aprofundamento na pesquisa em busca de respostas para os questionamentos levantados.

Um aspecto importante de ser lembrado neste momento, é que através da pesquisa exploratória, pode-se perceber que o Jornalismo pouco se preocupa com o consumo de

¹¹ Fake News é o termo usado pela mídia para denominar a disseminação de notícias falsas. Esse tipo de notícia é escrito e publicado com a intenção de enganar, muitas vezes com manchetes sensacionalistas, exageradas ou evidentemente falsas para chamar a atenção.

peessoas com SD em seus produtos. As produções são voltadas como pauta de agenda, sem aprofundamento na causa dessas pessoas ou como meio de mostrar como elas superam barreiras sociais. O consumo dessas pessoas deve ser levado em consideração assim como para as demais PcDs, para que elas possam também se tornar cidadãos de direitos, conscientes do seu papel político, social, cultural, econômico de uma sociedade e reivindicar seus espaços como cidadãos.

3. PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

Neste momento, segundo Markoni e Lakatos (2003), se faz preciso “a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram que permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes”, seja em confirmações ou em discordâncias que dão suporte à pesquisa aqui proposta. Além disso, no referencial teórico, o pesquisador estabelece as principais relações entre o objeto da pesquisa.

A seleção dos conceitos e teorias ocorreram através de um processo transmetodológico que possibilitou apropriar-se de conceitos nem sempre advindos do Jornalismo. Deste modo, procuramos discorrer teoricamente em caráter reflexivo as relações feitas entre algumas teorias de comunicação, consumo de Jornalismo e comunicação para pessoas com deficiência cognitiva.

3.1. MEIOS E MEDIAÇÕES DE SUJEITOS COMUNICANTES

No livro dos meios às mediações, de Martín Barbero, ele afirma que a comunicação não se esgota nos meios e que não deve ser tratada como mercadoria e que o problema não está na falta de coerência ou lógica, mas sim no método de pensar a teoria como apenas emissor, mensagem, receptor, códigos e fonte (BARBERO, 1997). Por esse ângulo, o autor instiga a pensar que a investigação na área da comunicação deve buscar mais que o tradicional binarismo do sim ou não. A teoria de meios e mediações, versa sobre o papel desempenhado pelo receptor e emissor.

A proposta de sujeitos comunicantes, feita pelas autoras Livia Saggin e Jiani Bonin surge como desconstrução daquilo que na área da comunicação é conhecido como receptor. As autoras entendem como de extrema importância considerar fatores como a multiplicidade de sentidos, considerar as realidades “histórica, cultural, social, ética, política, tecnológica, psicológica e semiótica” (SAGGIN; BONIN, 2017). É preciso olhar pessoas com SD em sua singularidade para que possam ter um pleno desenvolvimento enquanto sujeitos. Neste sentido, propõe-se trabalhar com o conceito de pessoas com Síndrome de Down também como sujeitos comunicantes (BONIN; SAGGIN, 2017), sendo assim, como possíveis emissores e/ou receptores de informações.

Com a expansão da midiaticização¹², os processos comunicacionais ganham força e proporções antes impensáveis. O que antes eram considerados apenas receptores, com o advento midiático, hoje está “num jogo multidimensional complexo, em que ora podem ser reprodutores, ora inventores e transgressores comunicacionais.” (SAGGIN; BONIN, 2017).

Em uma junção dessas duas teorias, foi então proposto, além do conhecimento da mensagem, compreender como o receptor irá utilizar aquilo que lhe foi disponibilizado. Por isso, a compreensão de nossos sujeitos é de: ora receptor de mensagem, ora emissores de suas próprias concepções sobre seu consumo.

3.2 JORNALISMO COMO MEIO DE CIDADANIA COMUNICATIVA

Para tratar de pessoas, neste caso de pessoas com Síndrome de Down, é preciso traçar a relação entre a comunicação e a cidadania, pois “a comunicação é fundamental para a consolidação dos processos de cidadania, mas para que isso seja pleno em seu exercício, é imprescindível o direito de produção e acesso à informação” (SGOTI; PERUZZO, 2015). Além disso, é preciso possibilitar o acesso aos indivíduos para amplo debate, para que eles se sintam e sejam co-participantes dos processos sociais que os permeiam.

Maria Cristina Mata, professora e pesquisadora do Centro de Estudios Avanzados Universal de Córdoba, na Argentina, é a autora que trata sobre cidadania comunicativa. Para ela, o conceito de cidadania comunicativa está relacionado com a capacidade de “ser sujeito de direito e demanda no campo da comunicação pública” e o exercício desse direito ao cidadão, como “sujeito de necessidade e indefeso diante do poder, é o emblema da não-cidadania, emblema de quem praticamente perdeu o direito de ter direitos.” (MATA, 2006). Segundo a autora, cidadania também está ligada a identidade e igualdade entre os pares, advindo do Estado ou não:

Mas, além disso, a cidadania comunicativa envolve dimensões sociais e culturais ligadas aos "valores da igualdade de oportunidades, qualidade de vida, solidariedade e não-discriminação" (Hopenhayn, 2005, p.216) presentes nos chamados direitos de terceira geração. Dessa forma, cidadania comunicativa está entrelaçado com as referências de identidade e com as reivindicações mais gerais de igualdade, não só em

¹² Entendemos como midiaticização como o termo usado para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as interrelações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural. Assemelha-se mais com uma ambiência. (MARCONDES FILHO, 2005).

relação ao Estado, mas em relação à ação do Estado, mercado e todos os tipos de dispositivos que promovem a desigualdade.¹³ (MATA, 2006)

As Pessoas com deficiência como qualquer outro sujeito, devem gozar dos direitos de acesso à cidadania, bem como às oportunidades de trabalho, educação, esporte e lazer, sem nenhuma espécie de discriminação, propiciando a autonomia que lhes é reservada por direito. Mata considera que pôr em prática a cidadania comunicativa é essencial para a convivência:

O exercício da "cidadania comunicativa" torna-se essencial para a existência de uma sociedade de cidadãos. Se não há possibilidades de exercer esse conjunto de direitos e de práticas expressivas, enfraquecem-se as capacidades e possibilidades de os indivíduos se tornarem sujeitos de demanda e proposição em múltiplas esferas da realidade, pois a produção dessas demandas e proposições é impensável. sem o exercício autônomo do direito de comunicar, isto é, de colocar em comum.¹⁴ (MATA, 2006)

Compreende como cidadania comunicativa a prática de ampliar a dimensão de cidadania, que ainda está em construção (MALDONADO, 2015). Também segundo o autor, nos dias atuais, em que todos (ou quase todos) têm a possibilidade de produzir signos, tornou o empecilho técnico menor. Isso, dado à circulação em massa de uma diversidade de informações, dependendo apenas “de aspectos culturais para estabelecer pactos de comunicação, nexos de leitura, hábitos culturais, vínculos e reconhecimentos simbólicos” (MALDONADO, 2015, p. 11).

O jornalismo, assim como todas as áreas da comunicação, deve de maneira integral se propor a produzir conteúdos que não excluam àqueles que a sociedade, por questões culturais hegemônicas, acaba por privilegiar. Ao contrário, o papel do jornalista é de agregar esses indivíduos na sociedade. Nesse aspecto, é preciso compreender de que modo os personagens representantes do universo de pessoas com SD compreendem conteúdos jornalísticos. Deste modo, pretende-se identificar se o consumo desses produtos interfere no modo de ‘ser sujeito de direito’ desses personagens.

¹³ Pero además, la ciudadanía comunicativa involucra dimensiones sociales y culturales vinculadas a los “valores de igualdad de oportunidades, calidad de vida, solidaridad y no discriminación” (Hopenhayn, 2005, p. 216) presentes en los llamados derechos de tercera generación. De este modo, la ciudadanía comunicativa se entrelaza con las referencias identitarias y los reclamos más generales de igualdad ya no sólo en relación al Estado sino en relación con la acción del mercado y todo tipo de dispositivos que promueven la desigualdad.

¹⁴ A partir de esa necesidad elaboramos una noción, la de ciudadanía comunicativa, que entendemos como el reconocimiento de la capacidad de ser sujeto de derecho y demanda en el terreno de la comunicación pública, y el ejercicio de ese derecho. Se trata de una noción compleja que envuelve varias dimensiones y que reconoce la condición de público de los medios que los individuos tenemos en las sociedades mediatizadas.

3.3 ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA

No artigo, “A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital” (BONITO, 2015), o autor critica a falta dessa abordagem e produção de conteúdos por autores e profissionais da área. É raro encontrar conteúdo acadêmico sobre essa temática. Esse termo foi regulamentado em 2005, pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT). A NBR 15290 estabelece diretrizes gerais a serem “observadas para acessibilidade em comunicação na televisão, consideradas as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais”. Para se considerar acessível, o programa deve atender às recomendações da norma, que segue o padrão de Desenho Universal.

A Acessibilidade Comunicativa é, portanto, necessária para a prática da função de um comunicólogo, neste caso, os Jornalistas. A prática reflexiva pode ampliar os horizontes antes não ultrapassados, essencial potencializador em novas estratégias/táticas de uma transformação tecnocultural. É importante que a Acessibilidade Comunicativa seja um movimento planejado dentro do roteiro do fazer jornalismo, que vise promover a comunicação sem barreiras, assim como é de direito de todo cidadão. Para que isso seja possível, é preciso que os profissionais exercitem o olhar atento para que sua produção possa atingir a todos os públicos, sejam eles de pessoas com ou sem deficiência.

Acredita-se que a acessibilidade comunicativa está até certo ponto ligada ao uso de tecnologias assistivas para a área da comunicação. Isso porque, o método de produção, seja publicitário, jornalístico ou de entretenimento não são pensados em sua essência para suprir as pluralidades de cada ser humano. Deste modo, faz-se preciso o uso e criação de novas metodologias de produção de cada produto aliado às tecnologias assistivas, para deste modo fazer-se cumprir o papel da indústria da comunicação.

Deste modo, é preciso que pensemos nosso objeto de estudo através da acessibilidade comunicativa pra que todos os cidadão possam reivindicar seus direitos e sejam conscientes de seu papel dentro da sociedade. É através da garantia de direitos igualitários que essas pessoas podem se sentir pertencentes e participantes da sociedade.

3.4 TECNOLOGIA ASSISTIVA

Tecnologia assistiva ou *Assistive technology*, foi criada nos Estados Unidos em 1988 e reformulada em 10 anos depois. O termo é utilizado para identificar os recursos e serviços que contribuem para ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão (BERSCH e TONOLLI, 2006). Esse tipo de tecnologia auxiliar é muito importante para o âmbito comunicação. Por esse motivo a secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República instituiu em 16 de novembro de 2006, através da portaria nº 142, o Comitê de Ajudas Técnicas (CAT). Este comitê reúne diversos especialistas brasileiros com o objetivo de propor políticas governamentais referentes à tecnologia assistiva, além de estimular as esferas federais, estaduais e municipais a criar centros referenciais de desenvolvimento de recursos humanos para a área. Um bom exemplo de tecnologia assistiva é o desenho universal.

Essa tecnologia visa ampliar a qualidade de vida e maior independência de pessoas com deficiência. Pode-se encontrar através de recursos ou serviços (BONITO, 2015). Por “recursos” entende-se como itens, equipamentos ou produtos que possam ser utilizados como instrumentos de tecnologia assistiva. Exemplos são bengalas, aparelhos auditivos, até softwares que auxiliem a acessibilidade. Por “serviços” compreendem-se atendimentos de serviços prestados por profissionais, sejam da área da saúde, como fisioterapeuta, psicólogo, ou então de outras áreas como engenheiros e arquitetos.

Para cada tipo de deficiência existem tecnologias assistivas que visam ampliar a independência e qualidade de vida do cidadão. Para o caso de pessoas com deficiência visual, por exemplo, pode-se nomear uma diversidade de serviços e recursos, como leitores de tela, leitura em Braille, software de ampliação de tela, lupa eletrônica entre diversos outros. Para PcD auditiva, é possível fazer o uso do aparelho auditivo (implante coclear), já para PcD cognitiva, como é o caso de pessoas com Síndrome de Down, são usadas tecnologias assistivas para auxiliar o processo cognitivo e de atenção, na maioria das vezes voltadas para a educação.

4. TÉCNICAS METODOLÓGICAS

Segundo Bonin e Rosário (2013), não traçar um plano para a metodologia se trata de falta de conhecimento sobre as metodologias possíveis e pode dificultar o percurso do pesquisador. Para que isso não atrapalhe o andamento do projeto, é preciso compreender a comunicação como ciência e, deste modo, refletir sobre o conhecimento produzido na pesquisa e os caminhos tomados para embasá-la. A seguir, apresentamos as metodologias abordadas teoricamente seguidas do modo prático para andamento da pesquisa apresentada.

Fiz o uso de oito métodos diferentes e complementares para esta pesquisa, sendo o capítulo 4.0 uma introdução ao universo da pesquisa e ao comitê de ética ao qual este foi submetido. Em sequência temos a pesquisa exploratória, bibliográfica, pesquisa da pesquisa, pesquisa teórica, de recepção, empírica, de campo e por fim a observação participante. Este 4º capítulo trata sobre o que se trata cada uma dessas metodologias e como foi aplicada neste trabalho.

4.0 UNIVERSO DA PESQUISA E COMITÊ DE ÉTICA

A partir das metodologias aqui propostas, foi delimitado trabalhar com cinco personagens, sendo eles três mulheres e dois homens, respeitando a proporcionalidade dos resultados do Censo Demográfico de 2010, onde as deficiências atingem mais 51,1% mulheres que aos 48,9% de homens. As pessoas com Down foram chamadas para participar da pesquisa através do contato com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaee) do município de São Borja e indicações. Relembrando que a faixa etária pré-estabelecida é de 20 a 64 anos, com os critérios já explicados anteriormente no capítulo de delimitação do tema.

Como esta pesquisa lida com seres humanos e para que se tomem todos os devidos cuidados éticos, os pesquisadores propuseram que o trabalho fosse submetido à análise do comitê de ética da Unipampa em processo sob número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (C.A.A.E) 24860819.9.0000.5323, dentro da Plataforma Brasil. As diretrizes éticas internacionais e Brasileiras ressaltam a necessidade de revisão ética, visando a salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito que contribui com a pesquisa.

4.1 PESQUISA EXPLORATÓRIA

Para Bonin (2006, p. 39), a pesquisa exploratória é o movimento de aproximação do objeto de estudo, “buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades”. Nesta etapa, o pesquisador necessita planejar, construir e realizar aproximações de diversos ângulos possíveis que possam interessar na construção do problema/objeto. É importante lembrar que nesta etapa há duas dimensões da pesquisa exploratória realizadas; uma acadêmica e outra não-acadêmica. Na dimensão acadêmica, foram feitas as pesquisas relacionadas diretamente ou indiretamente com o tema e problemática proposta no ambiente acadêmico. Já na dimensão não-acadêmica, pode-se encaixar as pesquisas de atores sociais, entidades, ativistas e profissionais que lidam como esse tema específico.

Foram realizados levantamentos de dados, observação de produtos midiáticos como uma forma de estruturar a pesquisa. Para ajudar no armazenamento dos dados/sites utilizei a ferramenta de extensão do Google chamada *GetPocket*¹⁵. Além de guardar o link do seu interesse, também é possível salvar através de tags. As tags utilizadas nesse caso, foram: #PesquisaSD #ExploratoriaTCCsd. Havia a pretensão de taggear também o consumo Jornalístico de pessoas com SD. Porém devido ao fato de não encontrar conteúdos com relação direta com a proposta do trabalho não se pode usar a tag.

Para além das pesquisas em sites oficiais e em repositórios, também foi realizada uma coleta de dados sobre pessoas com SD atuantes nas redes sociais. No facebook, fiz o movimento de seguir e/ou participar de grupos e pessoas e entidades ativistas da causa. Para o Twitter, fiz uso da ferramenta de gerenciamento de perfis da rede social, TweetDeck. Pela ferramenta, é possível criar filtros dos conteúdos e hashtags (#) no Brasil e no mundo. Existe a possibilidade de criar linhas verticais com pesquisas, perfis ou algumas páginas específicas dentro da ferramenta. As pessoas incluídas na lista “acessibilidade” são pessoas que falam sobre acessibilidade comunicativa, pessoas com deficiência e pessoas com Síndrome de Down.

Todo esse movimento de coleta de dados, acadêmicos e não acadêmicos, pôde contribuir para construir a presente pesquisa.

¹⁵ Ferramenta que permite guardar toda a informação interessante que encontra e que possa acessar em qualquer momento, seja no desktop ou no celular.

4.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para reunir informações e dados, foi feita a pesquisa bibliográfica, que é local onde é exposta toda a literatura que lemos para chegar até aqui (DUARTE; BARROS, 2010). A coleta serviu de base para a construção da investigação proposta a partir do tema, com dados atuais “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

Em uma das etapas iniciais deste trabalho, foi possível reunir as informações e dados que serviram de base para a construção da investigação proposta. Aqui, nós optamos por consultar sites governamentais para análise de dados e leis desde 2000 até às últimas em vigor. Além disso, escrevemos o artigo “Pesquisas exploratória e de contextualização sobre consumo jornalístico das pessoas com Síndrome de Down” publicado no ano de 2019 nos anais do Intercom Sul, onde pudemos ter um panorama sobre os atores sociais e o que há de pesquisa sobre o tema.

Para esta etapa da pesquisa, pudemos entrar em contato com parte do que já foi escrito e publicado sobre pessoas com Síndrome de Down. Houve dificuldades em encontrar bibliografia específica sobre o consumo de jornalismo de pessoas com SD, como apontado no artigo citado anteriormente. Por esse motivo a pesquisa precisou se apropriar de conceitos e leituras de diversos campos do conhecimento, como os da comunicação, direitos humanos e sociais, como parte de estudo bibliográfico para compor esse TCC.

4.3 PESQUISA DA PESQUISA

A pesquisa da pesquisa é o momento onde o pesquisador pode relacionar as contribuições, o que há de investigações no campo da comunicação e pertinentes ao tema/objeto. Segundo Bonin (2006, p. 34), “tal movimento exige desde ações mais operativas de levantamento das pesquisas até o trabalho alentado de reflexão e desconstrução, que permita ao pesquisador empreender apropriações, reformulações e alargamentos dessas propostas, em vários níveis”.

Pesquisar em teses, dissertações, artigos científicos e monografias é um bom exemplo de metodologia usada nessa parte do processo de construção do tema. Para dar conta desta técnica, buscamos em diversos artigos hospedados em sites como Google Acadêmico, SciELO e anais dos últimos cinco anos do Intercom Nacional e regionais. Essa análise pode ser conferida no artigo publicado no XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, com o título “Pesquisa exploratória e de contextualização sobre o consumo jornalístico das pessoas com síndrome de down”¹⁶. A partir disso, pode-se ter um panorama de questões que já foram levantadas anteriormente por outros pesquisadores, como são construídas as justificativas, como outros pesquisadores traçaram suas metodologias para aplicá-las.

Como método analítico e de otimização do tempo, ao me propor a leitura de um artigo, monografia ou tese, procurava sempre ler o resumo e títulos dos capítulos para que pudesse logo de início compreender se aquela leitura iria de alguma forma auxiliar o entendimento sobre meu objeto de estudo. Em repositórios, busquei nos anais do Intercom Regionais (Norte, Sul, Sudeste, Centro-oeste e Nordeste) e Nacional dos últimos três anos, publicações com as palavras-chaves: Síndrome de Down e Acessibilidade. Todas as ocorrências encontradas não tinham relação com esta pesquisa. No *Google Acadêmico*: jornalismo e Síndrome de Down, Síndrome de Down e cidadania. Mais de três mil documentos foram encontrados com as palavras-chave, porém analisando os 40 primeiros, nenhum possuía conexão com a pesquisa. O critério para escolha dos documentos foi por ler os 40 primeiros listados como mais relevantes dentro do Google Acadêmico, isso por questão de otimização de tempo e impossibilidade de ler todos os arquivos listados pelo site. Por fim, no SciELO, onde não foram encontrados documentos para ambas as palavras-chave da pesquisa.

4.4 PESQUISA TEÓRICA

A pesquisa teórica, além de exercer papel de inter-relacionar os conceitos e o empírico, é também de suma importância para o exercício da constante reflexão do objeto em análise (MALDONADO, 2006). Enquanto a pesquisa da pesquisa trabalha investigações relacionadas com o objeto. Para o exercício deste procedimento metodológico deve-se levantar dados de outras pesquisas pertinentes para reflexão do pesquisador (BONIN, 2006).

¹⁶ Artigo disponível no link: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0005-1.pdf>

Para que essa pesquisa se tornasse possível, foi preciso fazer uma ampla busca em diversos sites e livros sobre a temática. Nesta etapa, pesquisas que abordam o conhecimento teórico sobre Jornalismo (DINES, 1986; SALAVERRÍA e NEGREDO, 2008), Meios e mediações (BARBEIRO, 1997), Sujeitos Comunicantes (SAGGIN; BONIN; 2017) Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) e Tecnologias Assistivas (BERCH; TONELLI, 2006), assim como investigações acerca de conceitos utilizados para a construção deste trabalho foram utilizadas. A pesquisa teórica aqui proposta tem por objetivo propor a discussão teórica já abordada nos âmbitos sociais, tecnológicos, comunicacionais que possam dar sustentação a este trabalho.

4.5 PESQUISA DE RECEPÇÃO

Sobre a pesquisa de recepção, “parte integrante das práticas culturais que articulam processos. A recepção é então um contexto complexo e contraditório, multidimensional em que as pessoas vivem o seu cotidiano.” (IMMACOLATA, 199, p. 85.), que foca na análise do sujeito como receptor de informação. Pode-se refinar a percepção, memorização e impacto das mensagens para o participante.

Aqui, nos interessa compreender como se dá o consumo de produtos jornalísticos pelas pessoas com Síndrome de Down. Para isso, além de conversas onde se pôde entender como é o dia a dia e o que esse cidadão consome, foi preciso propor que o participante consumisse algum produto de sua preferência junto à pesquisadora. Assim, pude tomar nota de gestos, sinais e até mesmo a liberdade de perguntar questões levantadas pelas reportagens e notícias consumidas.

Como já dito anteriormente, a inclusão de pessoas com qualquer tipo de deficiência é garantido por lei, porém por diversas vezes não se fazem cumprir o que está no papel. Os veículos do campo da comunicação devem fazer com que seus conteúdos cheguem de forma unânime a todos, sem ruídos na comunicação. Para que isso possa ocorrer, é preciso uma pesquisa de recepção junto ao público para entender quais os processos comunicacionais não estão sendo bem aplicados, propor mudanças a partir disto e fazer cumprir as leis de inclusão, além de garantir que todas as pessoas, sem exclusões, possam ter seus direitos e exercer seus papéis como cidadãos.

4.6 PESQUISA EMPÍRICA

Nesta investigação também será usada a pesquisa empírica que, segundo Maldonado (2006, p. 284): “compreende o conhecimento adquirido pela prática, o conhecimento sensível baseado na experiência, o conhecimento factual que foi experimentado e não tem necessariamente uma observação controlada”. Assim, entendemos segundo o autor que a pesquisa empírica articula os saberes acumulados pela humanidade articulados com as ciências produzidas pelos campos sociais e científicos.

A pesquisa empírica foi feita durante a pesquisa de campo, considerando as informações coletadas na pesquisa teórica, bibliográfica e exploratória. Ou seja, a somatória das pesquisas citadas puderam contribuir de modo efetivo para a realização na prática de como conduzir a pesquisa. Nesta ocasião, pode-se estabelecer pressupostos sobre o objeto da pesquisa.

A pesquisa empírica se baseou na observação e captura de experiências, por isso, foi importante o planejamento prévio para que caso houvesse problemas, pudessem ser solucionados de imediato. Aqui, foi preciso definir o objetivo da investigação, usar teorias que dessem suporte e fazer uma proposta de cronograma de pesquisa de campo.

4.7 PESQUISA DE CAMPO

Na etapa da pesquisa de campo, foram feitas as entrevistas em profundidade, onde ocorreu a coleta de dados. “Os contatos diretos, pesquisa de campo ou de laboratório são realizados com pessoas que podem fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis.” (MARCONI; LAKATOS, 2003). A pesquisa bibliográfica e de campo foram feitas concomitantemente.

Na pesquisa de campo, propomos aos cinco participantes e a seus responsáveis que fossem realizados três encontros onde pudéssemos entender a cultura midiática do sujeito, assim como consumir algum produto jornalístico da preferência do participante. As análises descritivas de cada encontro assim como as abordagens estão no capítulo 5. Os encontros foram feitos nas residências de cada uma das fontes para que pudessem ser observadas de forma minuciosa como o participante se comporta em seu ambiente real.

Também, neste momento, pude fazer uso da técnica de produção de um “diário de campo”, onde pude imprimir minhas impressões sobre os encontros, detalhes visuais com relação aos gestos dos sujeitos entrevistados, seus familiares e meios onde vivem. A pesquisa de campo foi efetuada num período de dois meses, com encontros nas residências de cada uma das fontes, com horários previamente combinados. Os critérios adotados para a escolha das fontes se baseou conforme a idade pré-estabelecida e pelos contatos fornecidos pela Apae. Apenas duas das fontes foram através do contato com a instituição, os outros foram por indicação de duas primeiras fontes. Para a realização das entrevistas, fiz uso de um roteiro pré-estruturado. Com ele, pude me nortear com relação à condução dos encontros.

4.8 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Os princípios da observação participante foi uma das metodologias adotadas para pesquisar a comunidade de pessoas com a Síndrome de Down e compreender o consumo de jornalismo. Nesse sentido, a pesquisadora “fica tão próxima quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (MARCONI; LAKATOS, 2003. p. 194) tentando vivenciar e experimentar suas experiências. A observação participante proposta é da forma artificial, onde o “observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações” (MARCONI; LAKATOS, 2003. p.194).

Para fazer uma boa análise dos dados obtidos com a observação participante, a pesquisadora se propôs a fazer um diário de campo com as anotações de todos os passos e detalhes da pesquisa de campo. Para assim, o conhecimento adquirido não seja apenas especulativo e sem relação com a realidade, o contato pesquisador-fonte foi descrito da maneira mais fidedigna possível à cultura da comunidade de pessoas com Síndrome de Down.

A escolha deste método para esta investigação se justifica pela possibilidade de, além de haver uma pesquisadora no ambiente do entrevistado, também se possa ter maior integração com o sujeito, procurando manter uma relação afetiva a ponto de ganhar a confiança, buscando afinidades entre entrevistado-pesquisadora. Porém, entende-se que, para se fazer uma observação participante efetiva seria preciso completar mais do que três encontros. Deste modo, o uso dos princípios dessa técnica auxiliou a compreensão do universo pesquisado.

O primeiro dos três encontros teve essa finalidade: criar laços com a fonte e seus familiares, uma conversa onde se faziam perguntas relacionadas diretamente com a pesquisa e podia se perguntar sobre afinidades encontradas relacionadas a times, amigos, religião e afins. Mesmo nos momentos em que se buscava manter uma afinidade com perguntas ditas “banais”, todas as respostas foram significativas para a construção e entendimento do sujeito como objeto de estudo.

Já o segundo e terceiro encontros, foram o momento do consumo do produto jornalístico de preferência do sujeito e perguntas relacionadas ao que ele entendeu das reportagens consumidas. Nesse momento, pude perceber através da observação dos gestos e falas, qual a dimensão de mundo que o sujeito compreende e relaciona com os conteúdos jornalísticos apresentados. em todos os encontros foi autorizada a gravação de voz. Deste modo, ao construir o diário de campo e posteriormente a descrição do campo empírico (Capítulo 5 deste trabalho), pude revisitar as falas dos personagens e responsáveis com maior precisão. Também, durante os encontros, fiz anotações de gestos e situações as quais o gravador de voz não pudesse captar.

5. DESCRIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

Nesta etapa, iremos descrever o campo empírico detalhadamente, de modo que possa dar conta de responder à questão problema que norteia esta pesquisa. Para isso, iremos utilizar de detalhes descritos no diário de campo de cada um dos entrevistados. Após esse momento de descrição poderemos de forma quantitativa demonstrar os resultados obtidos.

Para deixar mais claro, cada um dos integrantes desta pesquisa, participaram de três encontros. Sendo o primeiro unicamente para a pesquisadora fazer coleta de dados sobre a família, educação, atividades que desenvolve, quais são os hábitos de consumo de Jornalismo e curiosidades. Já o segundo e terceiro encontro foram momentos em que, de fato, foram submetidos ao consumo de conteúdos da preferência do participante para a realização de perguntas relacionadas aos conteúdos propostos.

Inicialmente, a proposta era de assistir/ouvir aos programas ao mesmo momento em que são transmitidos, porém, foi identificado um problema com relação ao horário em que eu precisaria me deslocar para pesquisa de campo. Por esse motivo, ajustamos para que os conteúdos assistidos/escutados, pudessem ser gravados de outros dias (geralmente o dia anterior ao encontro) para poder otimizar o tempo.

Lembrando que os nomes de todos os participantes foram trocados por pseudônimos, para preservar a identidade dos mesmo, conforme indicação do Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos. O modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pode ser consultado no Anexo A. Os termos assinados pelos responsáveis/participantes, não serão inseridos aqui para garantir a confidencialidade dos nomes, porém todos os documentos serão armazenados pela pesquisadora pelo período de cinco anos, conforme termo de confidencialidade assinado pela pesquisadora e seu orientador (Anexo B).

Os três encontros foram feitos com um roteiro semi-estruturado, onde a pesquisadora formulou tópicos com questões importantes para serem respondidas ao longo do processo de observação participante. Este roteiro pode ser consultado segundo o Apêndice A.

5.1 Fernanda Cabral - Participante 1

O contato inicial desta participante foi dado via ligação telefônica, através do número cedido pela mediação da Apae que entrou nessa pesquisa como instituição co-participante, como pode ser visto através do Anexo C. Quem me atendeu foi a mãe de Fernanda, que gostou muito da proposta e disse que gostaria muito de ajudar, assim forneceu o seu endereço e dia que poderíamos nos encontrar para o primeiro contato com a Fernanda e seus familiares.

5.1.1 Primeiro contato (18/09/2019)

A primeira participante tem 37 anos, mora em São Borja desde que nasceu e seu time do coração é o Grêmio. Reside com os pais e a irmã de criação. Além disso tem 2 outros irmãos que moram em outros municípios gaúchos. Fernanda não terminou o ensino regular, a mãe e a mesma alegam que mesmo participando do Educação de Jovens e Adultos (EJA), oferecido pela Apae, ainda não conseguiu se adaptar ao ritmo de ensino e conteúdo ministrado em aula.

Ela sabe ler, escrever e fazer cálculos básicos de matemática, para garantir sua autonomia em determinadas ocasiões, como ir ao supermercado, por exemplo. Demonstra ter vontade de trabalhar e mesmo tendo recebido duas propostas de trabalho em meio período a mãe se manifestou contrária, pois teme que a filha possa ser explorada ou mal tratada enquanto trabalha.

Gosta muito de esportes, cita: futebol e capoeira como os preferidos; além destes, também pratica regularmente dança em oficinas disponibilizadas através de um projeto de uma aluna da Unipampa, o “InPalco”. Antes desse projeto, já dançou em duas academias locais. Atualmente, também faz capoeira e futsal. Se mostra muito atenta à conversa e mesmo demorando um pouco para formular suas respostas, acaba respondendo de forma objetiva o que pensa.

Ela e a mãe, passam parte do tempo falando sobre as atividades que ela desenvolve no seu dia a dia, mostra fotografias e conta as lembranças de cada uma das fotos, como o dia em que Fernanda dançou no palco do último carnaval. Possui um *smartphone* onde tem acesso às contas do *Facebook* e *WhatsApp* que a própria gerencia. Diz interagir com os amigos através dessas redes sociais. Gosta de programas musicais como o *The Voice Br*, de algumas novelas

e do Jornal Nacional da rede Globo. Ela e a mãe concordaram com os encontros, deste modo o TCLE foi assinado pela mãe. Combinamos de na mesma noite, iríamos assistir juntas ao Jornal Nacional.

5.1.2 Segundo contato (18/09/2019)

Combinamos de assistir juntas no mesmo horário da transmissão do Jornal Nacional (JN) na rede Globo. Ela me recebeu alguns minutos antes do horário do programa e como era uma quarta-feira, dia de transmissão de jogo, cheguei por volta das 19h50. Antes do JN começar, ela toma e serve o mate para nós. Quando o programa começa, parece estar prestando atenção. Em alguns momentos mexe em seus cabelos e desvia os olhos para alguns outros locais da sala. Assiste quase todo o noticiário sem falar nada. O momento em que mais se distraiu foi quando a mãe chegou em casa. Nesta hora, a mãe logo pediu para ela se acomodar melhor para poder enxergar melhor a televisão. No último bloco, quando começou o quadro de previsão do tempo, Fernanda sorri e diz “eu gosto dessa parte”. Disse que assiste pois sabe que se chover não vai poder sair com a mãe para a rua. Durante o quadro de futebol, lembrou que gosta muito de futebol e que também joga junto com os amigos na Apae.

Ao final do programa, fiz algumas perguntas sobre as reportagens: Quando perguntada sobre qual das reportagens mais lembra, ela diz que sobre a previsão do tempo. Sobre a matéria sobre o aumento do preço do petróleo e da gasolina, ela demora para responder, mas diz que lembra dos carros, chega à conclusão de que isso vai ficar um “pouquinho alto, com preços altos”. Sobre a reportagem de um rapaz que agrediu uma moça, disse que não gostou, “que quando bate nas pessoas, quando bate em alguém não é bom”. Ela tem uma característica forte de dizer sobre ser bom ou ruim. Distinguir os atos nessas duas vias.

Sobre o aumento da taxa de desemprego, disse que não entendeu o que estava dizendo. Só disse que emprego “todo mundo quer, mas nem sempre tem”. Sobre a poluição do rio Tietê, disse que não gosta de poluição, que faz mal para a saúde. Como ela sabe ler, perguntei-lhe sobre o tamanho das fontes durante a exibição das matérias, ela disse que consegue ler, porém às vezes passa rápido e ela não consegue terminar a leitura.

Em quase todas as perguntas, Fernanda demorava para formular suas respostas; em sua fala, havia o cacoete de “hum...”. Para responder às perguntas, ela precisava de alguns segundos, mas sempre respondia. Poucas vezes sendo monossilábica.

Em dado momento da entrevista, a mãe de Fernanda tenta responder uma das questões que faço a ela. Por esse motivo, ao final do encontro, converso delicadamente com a mãe para que ela não tente pôr palavras na boca da Fernanda durante os encontros. Justifico dizendo que as interrupções podem constranger ou mudar as respostas de entrevistada. A mãe compreende e diz que não sabia disso.

Neste dia, ambas me convidaram a jantar com elas. Aceitei o convite e conversamos sobre algumas atividades que a mãe pode desenvolver com a Apae, como oficinas de artesanato. Ela mostra alguns itens que ela mesma fez. Fernanda passa a maior parte do tempo quieta até eu puxar o assunto música, ela se alegra, disse que gosta muito de música e dançar. Pouco tempo marcamos o próximo encontro e me despeço da família.

5.1.3 Terceiro contato (25/09/2019)

Neste terceiro encontro, por questões de praticidade e otimização do tempo, optamos por assistir ao Jornal Nacional através da plataforma digital de *Streaming*, Globo Play¹⁷, onde diversos conteúdos, como Telejornais, são abertos ao público sem necessidade de assinatura paga. Nesse momento, também optei por, a cada intervalo do programa, fazer questionamentos sobre o conteúdo das reportagens abordadas durante o bloco assistido. Essa metodologia mostrou garantir respostas mais claras e completas. O programa exibido foi do dia 24/09/2019.

Antes de iniciarmos, enquanto ligava o notebook, ela disse que o seu computador queimou e, por isso, não mexe mais. Ela sabia como ligar o wi-fi, porém, recentemente os pais trocaram a senha e por isso não conseguiu conectar ao notebook. Quando o noticiário inicia, em uma das reportagens, diz que o Bolsonaro é um “galã”, quando eu perguntei o que é galã, ela disse ser “bonito e arrumado”. Se mostrou atenta a quase todos os blocos do noticiário, em alguns momentos se distraiu com barulhos externos ou mexendo em sua franja.

¹⁷ Plataforma de Streaming, lançada pela Rede Globo em outubro de 2015. Pode ser acessada através de *smartphones*, tablets, *smart tv's* ou computadores. Diversos conteúdos são abertos apenas com o uso de um cadastro, sem necessidade de assinatura paga.

No intervalo de cada bloco a questionava sobre o que ela se lembrava das reportagens que consumiu. Ela diz se lembrar daquilo que viu (imagens), por exemplo, na reportagem que versa sobre as queimadas na Amazônia, ela diz lembrar do fogo e que o fogo é ruim, “fumaça é ruim pra saúde”, pergunto o porquê de ser prejudicial à saúde e ela não sabe responder ao certo, ao fim diz que “dá tosse”. Também diz que é importante preservar as florestas, “as árvores são vida”.

No meio de uma das reportagens da editoria política, diz que gosta do programa da Fátima Bernardes. Quando pergunto o que ela acha dos políticos e da política brasileira, ela diz que acha que precisa mudar, questiono o que ela acredita ser preciso mudar e ela diz que tem que fazer mais projetos de saúde, não soube ir mais a fundo no tema. Parece estar atenta ao que se passa ao longo do JN.

Tem um marcante senso de certo ou errado. Sempre que pergunto o que acha sobre algo, ela diz: “isso é certo” ou “isso é errado”. Um exemplo disso foi em uma reportagem sobre um assalto, ela diz que “roubar é ruim, é perigoso andar na rua com bolsa e celular”.

Sorri ao longo da matéria que falava sobre um cantor que está na *setlist* do Rock In Rio 2019, ela demonstra ter um forte vínculo com a música, lembra que ela dança com um grupo da “Profª Carol”. Pergunto o que ela gosta de dançar, ela pensa e diz que gosta de tudo, “axé, forró”.

Fernanda é alfabetizada, por isso pude tomar a liberdade em perguntar sobre outro aspecto visual do programa. Ela diz que as letras são pequenas e por vezes sua exibição é rápida demais, deste modo ela não pode terminar de ler o nome do entrevistado ou qualquer outra informação textual que seja exibida pelo JN.

5.2 Lucas Mendes - Participante 2

Assim como a participante anterior, o contato do familiar do Lucas foi cedido em parceria com a Apae. Mandeí mensagem via WhatsApp, mas não obtive resposta. Deste modo, optei por ligar. O irmão e responsável por ele, atendeu e disse concordar em fazer parte da pesquisa. Marcamos um dia para o primeiro contato com o participante e os familiares.

5.2.1 Primeiro contato (18/09/2019)

No primeiro contato com Lucas e seu irmão, expus a pesquisa, fiz a leitura do TCLE e ambos concordaram com os encontros. Lucas é uma personalidade no município de São Borja, transita em diversos meios, participa ativamente das atividades da Apae, é patrão do Clube Nativista Boitatá¹⁸.

Lucas tem 54 anos, mora em São Borja com o irmão e a cunhada. Um ponto relevante para contar sua história, é que seu irmão é uma PcD motora e atuante na causa de pessoas com deficiência de São Borja, por esse motivo o irmão alega que procurou sempre preservar a autonomia de Lucas. Ele não tem aparelho celular, mas sabe o telefone de casa de cabeça. Tem liberdade de sair sozinho desde que avise onde vai estar. O irmão sempre o deixa com alguma quantia em dinheiro para que ele possa comprar algo para comer ou beber nos locais em que estiver.

Além destas atividades, ele é um personagem que gosta muito de futebol. No momento do primeiro encontro ele está usando a camiseta do seu time do coração, Sport Clube Internacional. Lucas diz que assiste a quase todos os jogos do seu time na casa de um de seus amigos do CTG. Ele diz gostar de assistir aos jogos lá, pois sempre fazem churrasco para o evento. Lucas fala pouco, a maioria das vezes apenas faz um sinal de ‘jóia’ ou responde com um sim ou não.

5.2.2 Segundo contato (24/09/2019)

¹⁸ CTG situado no bairro do Passo do município de São Borja.

Por conta da afinidade do personagem com futebol e por ele afirmar sempre assistir o programa, propus para que consumíssemos o programa Globo Esporte¹⁹. Lucas se acomoda em uma cadeira de praia próximo à janela da sala. No decorrer do programa percebi algumas particularidades deste personagem, como por exemplo, repetir algumas palavras ditas nas reportagens ou a imitação dos gestos dos jogadores enquanto comemoram um gol.

Nos momentos em que aparecem o jogador Gabigol²⁰, Lucas imita os gestos de comemoração, falando “ae Flamengo!”. Pergunto se ele gosta do Flamengo e ele acena com a cabeça, afirmativamente. O irmão diz que o segundo time de Lucas é o Flamengo, que ele sempre torce e assiste aos jogos.

Para as reportagens em que o Internacional é abordado, Lucas diz “vamo Inter”. Procura prestar atenção nos conteúdos do seu time e diz gostar quando tem bastante conteúdo sobre o Inter. É perceptível que em reportagens de outros times ele não se prende à televisão, observa a janela, mexe em sua camiseta ou fica olhando uma cicatriz em seu dedo.

Em dado momento, viu imagens do local do museu do Amanhã - RJ e observou dizendo “que bonito”. Pergunto se ele gostaria de em algum dia conhecer um lugar como esse, ele dá de ombros e diz apenas “é”.

Um aspecto interessante é que nos momentos em que o Grêmio é o tema, ele faz caretas para a televisão. Em um momento, quando o Renato Gaúcho está dando uma entrevista ele diz “não gosto dele”. Questiono o porquê e ele justifica com um “ele é grêmio”. Outro ponto relevante foi em uma reportagem sobre o menino com deficiência que foi ao estádio ver o jogo do Palmeiras com a mãe, ele sorri e, após o término da reportagem, bate palmas. Pergunto o porquê dele fazer isso, ele diz que é como o menino.

Ao final do programa, pergunto o que ele mais gostou de ver, Lucas diz gostar de ter reportagens do Inter e Flamengo, enquanto diz isso imita os gestos de comemoração do jogador Gabigol. Diz que viu um monte de estádios na TV e que acha que o Inter ganha o próximo jogo por 2 a 0.

¹⁹ Telejornal esportivo apresentado pela Rede Globo desde 1978, com duração de cerca de 30 minutos e exibido nas tardes de segunda a sábado. No Rio Grande do Sul, o programa é exibido pela RBS TV (afiliada da rede globo).

²⁰ Atacante do Flamengo Gabriel Barbosa.

5.2.3 Terceiro contato (27/09/2019)

Para esse encontro, propus que consumíssemos o programa Jornal do Almoço da RBS TV. Assistimos ao programa do dia 26/09, através do Globo Play. Lucas observa enquanto arrumo o computador. Ele diz não saber usar um notebook.

Aparenta estar prestando atenção ao começo do programa, mas na segunda reportagem começa a bocejar e desviar o olhar para vários cantos da sala. Houve uma reportagem em que o ex-prefeito de São Borja apareceu dando entrevista sobre um projeto de ressocialização de jovens. Neste momento, Lucas aponta para a tela do computador e diz “ele é daqui, eu conheço ele”, perguntei quem é ele e Lucas diz “é o Farelo”. Depois volta a se distrair e não consegue responder perguntas como o que ele entendeu das reportagens ou o que se lembra delas.

No bloco sobre esporte ele volta a prestar atenção e fica intercalando “vai inter” e “vai Flamengo”. Observa os comentários sobre o jogo mas não soube responder o que entendeu. A partir desse momento, não foca mais no notebook, se distrai facilmente com barulhos da rua. Em certo momento chega a fechar os olhos como se fosse cochilar.

Ao final do Jornal do Almoço, pergunto o que ele achou e se lembra de algo que achou interessante. Ele disse “Inter e Flamengo”; pergunto se ele não se lembra de outras reportagens, citando algumas como exemplo, ele diz “é, legal” mas não soube responder mais nada depois disso.

5.3 João Mauro - Participante 3

Tive contato com a mãe do participante através do chat do Facebook, fornecido pela colega de trabalho do João. Ali, expliquei a metodologia da pesquisa e quais seriam as ações para que ele pudesse participar. A mãe se mostrou muito solícita e forneceu o endereço de sua residência.

5.3.1 Primeiro contato (21/10/2019)

O participante tem 41 anos e mora apenas com a mãe. Possui mais dois irmãos e 3 sobrinhos. Os pais são separados e por isso nos finais de semana João fica na casa do pai. Um aspecto interessante é que o participante trabalha meio período há pouco mais de 15 anos como empacotador em um supermercado do município. Por esse motivo possui uma rotina diária. De manhã, ajuda a mãe nas atividades diárias da casa, como lavar louça, arrumar o quarto, varrer o chão. Desenvolve essas atividades sempre ouvindo música ou o programa do Eugênio Dutra, na rádio cultura AM. Após cumprir seus compromissos, assiste TV ou vê desenhos no YouTube. Após o almoço descansa até o horário de ir para o trabalho. A mãe o leva e busca de carro no serviço. Na volta para casa, ele relata gostar de assistir as duas novelas da noite da Rede Globo. Também assiste com sua mãe o Jornal Nacional, por esse motivo, é o produto escolhido para ser consumido junto à pesquisadora.

João diz gostar de poder trabalhar, pois assim tem seu dinheiro e pode ter contato com outras pessoas. Para a mãe, o trabalho foi essencial para ajudá-lo a manter um contato com as pessoas fora do círculo de amigos e familiar, já que ele não quer mais participar das atividades desenvolvidas pela Apae. Não sabe ler nem escrever. Não tem redes sociais, apenas o WhatsApp, onde mantém contato com os irmãos usando como ferramenta de comunicação o áudio e o uso de figurinhas e *emoticons*.

É torcedor do Sport Clube Internacional, diz gostar muito de acompanhar futebol, porém não consegue assistir programas como o Globo Esporte, pois está à caminho do trabalho neste horário. Mesmo assim, acompanha esportes através do Esporte Espetacular, aos domingos ou durante a semana no Jornal Nacional. Foi integrante de um bloco de carnaval do município por cerca de cinco anos, tocando bateria. Relata também gostar muito de ouvir música e dançar.

Foi feita a leitura do TCLE para a responsável (mãe) e o participante, ambos concordaram com a participação na pesquisa. João concordou em assistirmos ao JN, como o bairro em que ele reside é afastado perguntei à mãe sobre a disponibilidade em assistirmos via internet. A mãe disse que não haveria problema, deste modo combinamos nosso segundo encontro para o dia seguinte.

5.3.2 Segundo contato (22/10/2019)

Como combinado no dia anterior, assistimos ao JN no meu notebook pelo streaming da Globo Play. Quando cheguei, ele e a mãe estavam tomando mate na mesa da cozinha. Enquanto eu ligava o notebook, ele observava atentamente meus gestos. Disse que não sabe mexer em computador, mas tem vontade de aprender. A cada término de bloco, pausa o programa para conversar sobre o que foi visto até o momento.

Temas como: a atualização da inflação, movimentação da bolsa de valores, saque do FGTS liberado e previsão do tempo foram abordados. Ele demonstra estar atento ao programa durante todo o bloco, não desvia o olhar do notebook. No momento em que passa o quadro de previsão do tempo, Lucas aponta para a tela e diz que “vai ter sol aqui”. Pergunto como ele sabe disso, já que a apresentadora não fala especificamente da região oeste do Rio Grande do Sul. Ele diz que sabe onde fica São Borja no mapa e viu o ícone de sol na nossa região. Quando questiono como ele aprendeu isso ele diz que acha que o pai dele quem ensinou.

Em dado momento, é exibida uma reportagem sobre as manchas de óleo no mar do Nordeste, ele diz que isso é “ruim”, o questiono o porquê; segundo ele, traz risco para a saúde das pessoas, mas não sabe explicar o motivo. Logo após, uma reportagem que relaciona a poluição com o aumento de atendimentos relacionados a problemas respiratórios em hospitais. Lucas relaciona as imagens com o hospital em que a irmã trabalha, diz ter muita gente no hospital e que a irmã trabalha ali.

Uma reportagem sobre um avião que caiu, ele exclama: “olha o fogo!”. Diz que é perigoso andar de avião, que nunca andou (em um avião) e que tem medo dele cair. Em outros momentos, ele lembra de alguns flashes das imagens ou conteúdo das matérias, como quando pergunto sobre o que aconteceu na reportagem em que o Bolsonaro foi para o Japão, ele diz ser longe e que ele não entendeu o que o presidente dizia.

Ao final de cada bloco, pergunto o que ele lembra das reportagens, sempre citando algum elemento imagético que possa fazê-lo recordar da matéria, em algumas vezes ele diz não se lembrar das reportagens ou que não sabe dizer o que acha dela. Porém, algumas reportagens são marcantes para ele, como o caso dos protestos no Chile, no momento em que assistia ele dizia que já participou de um protesto com o pai. Eu pergunto onde e ele responde que em Porto Alegre, porque em São Borja não tem protesto.

Ao final do programa, ele fica atento ao escutar sobre o novo técnico do Internacional (seu time), mas não se lembra o nome dele. Diz que está feliz que o novo técnico chegou. Sobre os jogos da semifinal da libertadores, lembra que não gosta do Grêmio e que vai torcer muito para o Flamengo ganhar. Ele sabe exatamente quais são os 4 times que compõem a semifinal: Flamengo, Grêmio, River Plate e Boca Juniors. Sobre o confronto entre River e Boca, diz que está torcendo para o River e que ficaria feliz em ver uma final entre Flamengo e River Plate. Ele afirma que sabe que serão jogos difíceis para todos os times e que queria que o Internacional estivesse nas quartas de final para ganhar a Copa Libertadores.

Eu pergunto onde ele aprendeu sobre futebol e sobre os times, ele responde que “só sei, assisto com meu pai”. Pergunto sobre o que ele mais gosta de fazer com o pai, ele diz: “ver futebol e sair de carro”. João é um rapaz muito sorridente e cuidadoso. Demora em responder minhas questões na maioria das vezes, porém, as responde com franqueza, se não sabe responder diz “isso eu não sei”.

Finalizamos o programa e ele diz que gostou de fazer isso e pergunta quando eu volto. Marcamos o terceiro e último encontro para o dia seguinte. Na despedida ele diz “te espero amanhã!”.

5.3.3 Terceiro contato (23/10/2019)

Neste encontro, João demonstra agitação. Seu sobrinho de 6 anos está passando a manhã com ele e a mãe e por isso ele fica atento a tudo que o sobrinho faz. Começamos a assistir o JN e em diversos momentos ele se distraía com o menino andando pela casa. Durante a previsão do tempo, ele presta bastante atenção ao mapa, e novamente diz qual é a previsão do tempo para nossa região: “Vai fazer sol de novo”.

Novamente o JN abordou a questão das manchas de óleo no nordeste, João fala que “faz mal pra saúde andar nas manchas”, pergunto como ele sabe, ele diz que a irmã dele falou

pra ele. No momento em que o Bolsonaro aparece em uma das reportagens, ele aponta para a tela do computador e diz saber que ele é presidente do Brasil. Perguntei como ele sabia, e ele disse que apenas sabe. Perguntei também se ele gostava do presidente, neste momento ele deu de ombros e disse “eu nem conheço ele”. Ele emenda dizendo que sabe que ele tirou o programa Mais Médicos, que acha que isso foi bom, indaguei o porquê, ele não sabe me responder o motivo, só diz: “porque é bom assim, melhor sem o Mais Médicos”. A mãe de João explica que ele diz isso porque a irmã trabalhava no programa Mais Médicos em outra cidade e quando o programa foi interrompido ela voltou a morar em São Borja. Ele se sente beneficiado com o fim do programa. Tentei ir a fundo para compreender o que ele sabia do programa, mas ele diz não saber pra que serve, apenas que a irmã trabalhava pelo programa.

Em diversos momentos, se distrai com os barulhos do sobrinho pela casa. Ele presta atenção em momentos específicos em que já demonstra ter interesse, como no último bloco é exibido a reportagem sobre o jogo entre Flamengo e Grêmio nas semifinais da Copa Libertadores. Reforça que não gosta do Grêmio e que vai torcer para que o Flamengo ganhe. Pergunto se ele ficou feliz em saber que no dia anterior, mesmo perdendo o jogo, o River passou para a final da libertadores; ele sorri e diz que sim; “agora só falta o Flamengo”.

Encerramos nossos encontros. João pergunta se eu vou ao supermercado em que ele trabalha pelos próximos dias, que ele gostaria de me ver mais vezes porque gostou de conversar comigo. Perguntou se eu sei dirigir, pois nesse dia fui de carro para nosso encontro. Digo que sei dirigir e ele logo afirma que sempre quis aprender, mas que os pais não deixam. Ele me leva até o portão e nos despedimos com um abraço.

5.4 Rute Silva - Participante 4

O contato inicial foi por meio da indicação da responsável do participante 3. Ambos os participantes moram no mesmo bairro e por isso se conheciam. Fui ao endereço indicado e realizei o contato inicial com a mãe. Ela se mostrou interessada em participar da pesquisa. Disse que a filha gosta e entende muito de futebol e dança.

5.4.1 Primeiro contato (23/10/2019)

Rute tem 34 anos, mora com os pais no bairro no Passo. Possui um irmão que não mora mais com os pais. Ela não gosta de produtos jornalísticos, seja na televisão ou rádio. Segundo a mãe, quando começa um programa de Jornalismo ela prefere fazer qualquer outra atividade. Apenas escuta ou assiste quando um dos pais deixa o aparelho ligado para escutar ou assistir enquanto desenvolvem outras atividades. Não participa mais das atividades ofertadas pela Apae, pois não tem vontade de participar, relata. Não sabe ler nem escrever e não possui aparelho celular. Passa a maior parte dos dias em casa assistindo às seguintes novelas: As aventuras de Poliana, Cúmplices de um resgate e ao seriado Malhação.

Foi feita a leitura do TCLE para a responsável (mãe) e para a participante, ambas concordaram com a participação na pesquisa. Para essa personagem, tive de readaptar um pouco da metodologia de abordagem de consumo de mídia jornalística. O motivo principal é que Rute afirma não gostar de assistir ou ouvir produtos jornalísticos, mas que se propõe a consumir comigo para experimentar.

Faça uma avaliação sobre quais os produtos de consumo diário de Rute, percebo que ela e a mãe passam a maior parte do dia com o rádio ligado na frequência 1260 AM, que corresponde à Rádio Cultura do município de São Borja. Indago se em algum momento Rute chegou a escutar o programa “Jornal da Cultura” exibido todos os dias ao meio dia pela emissora. Ela afirma que certamente sim. Deste modo, optamos por escolher esse produto para consumir.

Para não ter que estar no horário do almoço por dois dias com a menina, optei por solicitar aos responsáveis pela rádio que me cedessem dois dias do programa Jornal da Cultura gravado. O responsável foi muito solícito e me enviou uma semana (correspondente a

cinco dias) do programa gravado via e-mail. Desde modo marquei por ligação telefônica com a mãe de Rute o segundo encontro para o dia 28/10.

5.4.2 Segundo contato (28/10/2019)

Como combinado anteriormente com a mãe de Rute, escutamos o Jornal da Cultura exibido no dia 23/10 pela Rádio Cultura AM. O programa costuma ter de 3 a 4 blocos somando cerca de 15 minutos de programa radiofônico. Rute senta comigo ao redor de uma mesa e observa enquanto coloco o programa para rodar. Expliquei como iria proceder; disse que a cada bloco do programa iria pausar e conversariamos sobre o que foi abordado. Ela concorda e damos início ao programa.

No primeiro bloco, intitulado como “a cidade hoje” fala sobre questões de leis (ou propostas) municipais em tramitação. Ela escuta atentamente e em alguns momentos repete algumas palavras ditas pelos locutores. Além disso, fica observando o celular. Ao final do bloco pergunto se ele se lembra de alguma notícia, ela diz que sim. Quando questiono o que ela se lembra, ela não sabe responder, fica com cara de envergonhada e diz não lembrar. Aviso que ela não precisa se envergonhar, que pode me dizer quando não souber responder. Ela acena com a cabeça e seguimos escutando o programa.

O segundo e terceiro bloco, falam sobre economia e política. Rute não consegue absorver o conteúdo dito nestes blocos, alega que os locutores falam rápido demais e com palavras difíceis de serem entendidas por ela. No último bloco, onde são ditas algumas das ocorrências policiais, ela só consegue se lembrar de uma ocorrência de uma criança que morreu, pergunto se ela se recorda o motivo e ela não sabe responder. Finalizo o encontro lembrando que ela não precisa se envergonhar de não saber responder algo, pois estou procurando saber o que ela entende para tentar solucionar a falha (caso haja) da comunicação entre jornalismo e receptores.

5.4.3 Terceiro contato (30/10/2019)

Para o terceiro encontro combinamos de escutar o jornal da cultura exibido no dia 24/10. Percebo que durante todo o programa Rute repete algumas palavras dos locutores, pergunto o motivo, ela responde que acha que assim vai entender o que eles estão dizendo.

Assim como no encontro anterior, Rute grava poucas informações relatadas, ao longo do programa só soube sobre o aeroporto de São Borja que vai começar a ter vôos para Porto Alegre, mas não se recorda a data. Pergunto se ela iria gostar de andar de avião, ela sorri e diz que acha que iria ter medo de cair do céu. Uma outra notícia que consegui extrair algo de Rute, foi relacionada a um furto ocorrido no bairro do Passo, pergunto o que ela acha de pessoas que roubam coisas das casas das pessoas, ela demora para formular uma resposta e diz que acha que é feio roubar, mas não sabe explicar o porquê.

Neste terceiro encontro tive a oportunidade de perguntar sobre futebol para Rute. Ela diz ser fanática pelo Grêmio e que ficou muito chateada por ter perdido para o Flamengo nas semifinais da Libertadores. Pergunto se mesmo assim ela segue gostando do time, ela responde “eu amo o Grêmio”. Pergunto o que ela mais gosta do futebol, ela diz que é de torcer pelo time dela, porque ela fica ansiosa pelos jogos.

Além disso, ela começa a falar que tem várias camisetas do time e que há poucos dias antes da minha visita havia visitado com o pai a arena do Grêmio. Ela fala todas essas coisas com um sorriso no rosto. Nos despedimos e agradeço o carinho e atenção da família.

5.5 - Participante 5

Explico aqui os motivos pelos quais não consegui trazer para esse trabalho uma quinta participante. Mas antes, é preciso a compreensão de que, devido às características delimitadas para essa investigação, isso restringiu bastante o número de possibilidades de possíveis participantes. Deste modo, mesmo com os contatos cedidos pela Apae, encontrei algumas barreiras, são elas:

Telefones desatualizados e deste modo inacessíveis para contato com as possíveis fontes. Além de que, dos contatos cedidos, apenas um atendeu ao telefone. Esta seria a quinta entrevistada, porém, o responsável por ela disse que eu poderia analisar se seria possível extrair algum conteúdo dela, considerando que não é permitido à menina assistir conteúdos que falem ou expressem violência. Segundo o responsável, a menina, além da Síndrome de Down, tem esquizofrenia e que, por esse motivo, já teve crises de pânico e agressividade desencadeadas por conteúdos que viu na televisão.

Deste modo, seria preciso que cada conteúdo proposto para consumo fosse filtrado e realizados cortes para que a menina não tivesse acesso e desencadeasse uma crise. Analisando este cenário e devido às dificuldades de novas possibilidades de fontes, optei por não efetuar os encontros e permanecer apenas com 4 personagens, mesmo compreendendo que esta quinta fonte ajudaria a representar o universo delineado inicialmente nesta pesquisa.

6. ANÁLISE DO CAMPO EMPÍRICO

Neste tópico irei fazer a análise do campo empírico por ordem de personagens e depois mesclando coincidências entre os personagens participantes:

A primeira entrevistada, Fernanda Cabral, foi uma das mais falantes dentre as fontes. Como ela sabe ler e escrever pude perguntar questões relacionadas à parte textual das reportagens do JN. Ela é uma menina muito delicada e gentil. Em todos os encontros procurava responder minhas perguntas sem ser monossilábica, percebi que ela se alegrava quando eu questionava sobre as atividades em que ela está envolvida, seja com o grupo de dança, capoeira ou esporte. Apesar de dizer amar futebol, me parece não se aprofundar no time como algo que tenha paixão. Situação diferente de quando falamos sobre música e dança. Os olhos chegam a brilhar quando pergunto sobre uma coreografia que já tenha apresentado.

Fernanda demonstra querer mais independência, quando diz que gostaria muito de poder trabalhar, mas sabe que a mãe não permite por ter medo de ações de outras pessoas. Isso se reflete em suas respostas sobre o que é certo e errado. Fernanda sempre categoriza os atos das reportagens com um juízo de valor: “isso é bom”, “isso é ruim”. Mesmo que ela não saiba explicar a fundo o porquê daquilo ser bom ou ruim, ela sempre demarca o discurso como algo que aprendeu com a família.

Nos encontros, pude perceber o modo como os familiares tratam Fernanda. Sempre com muito zelo e carinho. Algo que ficou evidente é que a irmã de criação e a mãe procuram sempre estar por perto para auxiliar nas dificuldades que ela possa ter. Evidenciado no momento em que faço uma pergunta e Fernanda não sabe responder, a mãe entra na conversa para responder por ela. Isso demonstrou que a menina nem sempre tem liberdade de fala, além de seus familiares estarem sempre querendo suprir as dificuldades dela. Acredito que na melhor das intenções, os familiares acabam se apropriando das respostas da menina para que ela não fique sem responder. Porém, penso que isso acaba por reprimir a liberdade de expressão de Fernanda.

Durante os encontros pude notar que ela associa o clima com o que ela pode fazer em seu dia a dia. Se chover ela sabe que não vai poder sair para caminhar com a mãe. Isso é um ponto que reflete seu modo de exercer cidadania. De algum modo isso tem influência nas suas atitudes.

Já para Lucas Mendes, pude perceber que ele não fala muito com quem considera estranho. Mesmo tentando encontrar brechas de aproximação com ele, percebi que ele ainda estava muito distante e por esse motivo não respondia com precisão minhas perguntas. Ele possui autonomia que nenhum dos personagens entrevistados têm. Lucas pode sair sozinho, usa o dinheiro de sua aposentadoria que o irmão administra e deixa semanalmente uma quantia com ele.

Apesar de Lucas nunca ter tido um emprego ele é uma pessoa muito conhecida em São Borja, justamente por poder caminhar sozinho pela cidade. Além de ir a diversos eventos da cidade, como os do Boitató e Apae, também costuma ir na rádio Cultura AM e Fronteira FM, onde frequentemente faz comentários sobre os jogos do Inter com seus amigos locutores. Para esse personagem foi perceptível compreender que seu consumo de jornalismo é limitado a seus assuntos de interesse: futebol. Para além disso, poucos foram os conteúdos em que ele pôde dizer algo que havia compreendido ou que tenha lhe despertado interesse.

Algo que percebi que tem relação com sua identificação como sujeito, foi na reportagem sobre o menino com deficiência visual em que ele aplaudiu no segundo encontro. Ao dizer que o menino é como ele, ficou evidente que ele percebe pessoas com deficiência como cidadãos iguais a ele. Foi um sinal de identificação com o sujeito ali retratado.

O terceiro personagem, João Mauro, tem uma personalidade muito doce. Mora sozinho com sua mãe a ajuda nas atividades diárias como arrumar seu quarto, lavar louça e cuidar do sobrinho. Ele trabalha e apesar de nem sempre ser comunicativo, procura sempre responder às perguntas que faço, mesmo se não sabe responder é sincero em suas respostas.

Ele diz não querer parar de trabalhar tão cedo. Diz que gosta de poder estar com os colegas do trabalho e poder ter contato com os clientes que frequentam o supermercado. É um rapaz sorridente e que preza por ter uma rotina fixa, sabendo sempre onde deve estar e o que fazer em cada horário do dia. Demonstra ter muita afinidade com futebol, sabendo nomear times e alguns jogadores que mais gosta.

Apesar de João poder trabalhar, a mãe deixa bem claro que de uns anos para cá não lhe permite sair sozinho com a mesma frequência que antigamente. Segundo ela, os tempos mudaram e o mundo está mais violento. Por esse motivo, priva o filho de andar sozinho pela cidade, se colocando na condição de levar e buscar todos os dias nos locais em que o filho tem de estar.

Um aspecto muito interessante sobre o método de comunicação de João, é que ele sabe mandar *emoticons*, figurinhas e áudios pelo *WhatsApp* para a irmã e para o pai. Desde modo, quando ele quer se comunicar com os familiares, ele mesmo tem a autonomia de enviar mensagens pelo aplicativo. Outra curiosidade é que mesmo não sendo alfabetizado, ele sabe entrar no YouTube e procurar por vídeos que deseja assistir no momento, sendo prioritariamente desenhos. Pergunto como ele desenvolveu essa técnica, ele afirma que conhece o ícone do YouTube e que ao entrar já existem sugestões de vídeos para assistir, assim ele vai abrindo até encontrar o que deseja para o momento.

João relaciona imagens com sua memória afetiva. Em momentos parecidos que viveu ele associa com suas memórias, muitas vezes confundindo os fatos entre suas memórias e as reportagens. Como quando viu imagens do hospital em um dos encontros e associou ao hospital em que a irmã trabalha, ou quando viu um protesto e pode se lembrar de um protesto que participou com o pai. O Futebol também tem influência na vida dele, pois ele torce avidamente por seu time e deixa claro que torce para que o maior rival sempre perca.

Rute Silva foi uma personagem em que mais tive que readaptar os métodos e perguntas da pesquisa. Justamente pelo fato dela não consumir produtos jornalísticos, tive que procurar uma afinidade entre ela e o programa que propus para consumirmos. Ela fala pouco e também tem uma ligação forte com a dança e futebol. Ela demonstra não ter conhecimento aprofundado do mundo externo ao dela; quando se trata de assuntos relacionados à política, não se apropria do que é dito.

Porém, quando em uma das notícias é falado sobre o bairro do Passo ela consegue guardar pouco da informação por associar que é o bairro em que mora e por isso tem algum grau de importância. Um traço marcante em suas falas é que demonstra gostar muito de futebol e principalmente do Grêmio. Assiste a todos os jogos, independente do dia e hora. Gosta de colecionar itens que tenha valor emocional ligado ao seu time do coração. Como quando fez a visita à Arena do Grêmio e guardou seu ingresso de entrada e copo que comprou dentro do estádio.

Ambos os entrevistados possuem características marcantes e em certos pontos parecidos; por conta da criação, são dependentes dos pais ou dos responsáveis para exercer atividades básicas como cozinhar. O único que possui liberdade de andar sozinho pela cidade é o Lucas. Os participantes pouco se aprofundam nos temas das conversas, em sua maioria

por não saber responder certos pontos mais específicos e até certo ponto por não terem experienciado para ter como parâmetro.

Como coincidências encontradas no campo empírico, destaco o gosto pelo esporte (futebol) e artes (dança e músicas). Todos os personagens participantes desta pesquisa em diversos momentos apontam gostar de futebol, principalmente quando está ligado ao time em que torce. Neste ponto, alguns até sabem falar aprofundadamente sobre questões técnicas do esporte, outros não se aprofundam tanto, porém destacam sua paixão por alguns momentos e recordações.

O descaso dos veículos de comunicação jornalísticos para com pessoas com SD é perceptível. Pode-se ressaltar que essa desconsideração na produção de conteúdo acessível é parte de um reflexo de uma sociedade pouco inclusiva. Por vezes, não se pensa em como produzir um conteúdo para pessoas com deficiência visual, assim como não se pensa em como pessoas com deficiência cognitiva vão consumir jornalismo. Vejo isso, em parte, como despreparo acadêmico e em parte por não exercitarem a prática empática no momento de produção de conteúdo, tanto os profissionais como as grandes e pequenas mídias.

O Jornalismo deve então encarar a missão de informar (pessoas com SD) como um meio de exercício de auxiliar a cidadania de modo acessível. Ainda é importante lembrar que existem leis que deveriam amparar PcDs. Deste modo, precisamos pensar nesses sujeitos como comunicantes. Para além de receptores passivos, são participantes da sociedade e sujeitos que em dado momento também podem exercer o papel de emissores de informações.

7. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Essa fase da pesquisa é o momento em que irei recuperar e fazer uma breve recapitulação do trabalho fazendo considerações necessárias. Aqui, trarei novamente os objetivos e a questão norteadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, relacionando com o campo empírico apresentado no capítulo 5.

No capítulo 1 trago de modo geral a introdução à pesquisa e o que irei apresentar, a identificação do meu problema de pesquisa, abordo a questão da falta de conteúdos científicos e não científicos sobre a apropriação de conteúdos jornalísticos de pessoas com Síndrome de Down. Trago como pergunta problema “como é o consumo jornalístico de Pessoas com Síndrome de Down no município de São Borja?”. Abordo a delimitação do tema e objeto de pesquisa.

Proponho-me a fazer pesquisas de recepção com cinco participantes, sendo três mulheres e dois homens, de idade entre 20 e 64 anos, para representar o universo de pessoas com Síndrome de Down, de acordo com o último Censo do IBGE (2010). Como explicado no Capítulo 5, não pude concluir a pesquisa com cinco participantes como me propus inicialmente e garantir uma melhor amostragem. Porém, penso que as quatro fontes foram plurais e puderam contribuir muito com a proposta deste trabalho. Com relação às plataformas jornalísticas e cultura midiática de cada sujeito, podem ser evidenciadas através da leitura da descrição do campo empírico juntamente com a análise.

Compreender os contextos da pesquisa foi um movimento iniciado há quase dois anos, quando me propus a iniciar essa jornada intrigante. Antes mesmo de ser preciso construir um projeto para a disciplina de metodologia, iniciei alguns passos essenciais: as pesquisas exploratória, pesquisa da pesquisa, bibliográfica e teórica foram imprescindíveis para compreender o universo das pessoas com Síndrome de Down e suas particularidades.

Para além das leituras relacionadas à temática, me propus a conviver um pouco com essas pessoas para compreender melhor seu mundo. Por esse motivo, fui estagiar na Apae de São Borja, onde pude ter alguns dos meus contatos iniciais com algumas de minhas fontes. Busquei seguir atores sociais envolvidos na causa de pessoas com SD, ler notícias divulgadas por empresas jornalísticas e também de ONGs e entidades ligadas a essas pessoas. Deste modo, pude me aproximar da Ecologia Midiática (SODRÉ, 2009) do meu objeto de estudo como uma Observadora Participante (MARCONI; LAKATOS, 2003). Analisando

cuidadosamente o modo como a mídia altera as percepções dos meus personagens, exercendo influência, modificando sentimentos e a forma de ser cidadãos.

Percebi que a parte imagética da mídia jornalística possui maior efeito de comunicação efetiva entre as pessoas com SD. Isto porque a imagem dá maior suporte ao que é oral dentro das reportagens. Os personagens que consumiram conteúdos audiovisuais puderam ter maior qualidade de retorno das compreensões das informações relatadas. Seria preciso ao menos mais uma fonte consumir um produto radiofônico para afirmar que pessoas com Síndrome de Down pouco assimilam informações jornalísticas por apenas um dos cinco sentidos tradicionais. Porém, fazendo apropriação do campo empírico desta investigação, concluo que para o Jornalismo é mais efetivo noticiar para pessoas com SD fazendo o uso de produtos audiovisuais.

Outra consideração relevante para esta pesquisa é que foi de suma importância que o primeiro encontro para cada fonte fosse um momento de diálogo para “quebrar o gelo” tanto com as fontes quanto com os familiares, pois assim, nos outros dois momentos, as fontes se sentiam mais confortáveis com minha presença em suas residências e me revelavam questões que ajudaram na composição do personagem como consumidor de mídias jornalísticas e cidadãos.

A apropriação de conceitos como Meios e Mediações (BARBEIRO, 1997), Sujeitos Comunicantes (BONIN; SAGGIN, 2017), Cidadania Comunicativa (MATA, 2006), Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) e Tecnologias Assistivas (BERSCH, 2006) foi essencial para compor um cenário mais amplo e com embasamento teórico da pesquisa do consumo de Jornalismo de pessoas com SD.

Com tudo isso, respondendo à problemática desta pesquisa, posso considerar que pessoas com Síndrome de Down pouco consomem conteúdos midiáticos jornalísticos, parte disto, justamente por esses conteúdos não serem totalmente acessíveis a esse público que possui deficiência cognitiva e por isso é necessário que os produtos tenham possibilidades como: diálogos menos rebuscados, falas menos velozes e ampliação das fontes das letras. Esses foram os pontos apontados pelos personagens que poderiam ajudar na compreensão dos telejornais e produtos radiofônicos.

Pessoas com Síndrome de Down, assim como todas as outras pessoas, devem ser consideradas no momento das produções de jornalismo. Essas pessoas, por anos, vêm sendo representadas na mídia como pessoas que apenas podem superar barreiras, porém, percebo

que as barreiras sociais são constantemente impostas a essas pessoas, excluindo-as de seus direitos de consumirem informações que possam refletir no modo de serem cidadãos. A editoria política é percebida pelas pessoas participantes desta pesquisa como algo “chato”, deste modo pouco se interessam por questões que podem afetar diretamente essa parcela da população.

Porém, editorias como esportes e previsão do tempo são destacadas como as que mais contribuem com o modo de exercer a cidadania desses sujeitos. Saber se o dia seguinte será chuvoso ou ensolarado tem grande influência na tomada de decisão dos personagens. Pode levá-los a crer que irão poder sair sozinhos ou simplesmente terão de ficar em casa. Assim como o futebol move esses personagens a serem torcedores ativos. Cada um com seu time e suas afinidades.

A linguagem adotada para esportes, especificamente para o futebol, é facilmente compreendida pelas quatro fontes acompanhadas. Deste modo, fica perceptível que além de associar seus gostos pessoais aos times que acompanham, esses personagens compreendem de modo efetivo o que é informado por essa editoria. O que me leva a pensar que, para informar pessoas com Síndrome de Down, seja preciso readaptar a linguagem para algo próximo ao que é feito na editoria esportiva.

Com este trabalho de mais de um ano de pesquisas e análises, pude compreender melhor um universo que é pouco explorado por meus futuros colegas jornalistas. Pude exercitar o fazer Jornalismo através das técnicas ensinadas ao longo dos quatro anos de graduação. Percebi que esse público é esquecido no momento de informar a população. Penso que mesmo sendo uma dita minoria, esse público não deve deixar de ser assistido em qualquer que seja o âmbito.

Deste modo, espero que este trabalho possa contribuir para os futuros Jornalistas que virão depois de mim. Penso que concluí minha proposta inicial e pude mapear algumas formas de melhorias dentro da categoria à qual logo farei parte. Considero este um trabalho que, além de reflexivo, contribui para a formação de cidadãos críticos e empáticos para com as pessoas com deficiência, principalmente para as pessoas com Síndrome de Down.

8. POSFÁCIO: PROPOSIÇÕES FUTURAS

Pensar sobre o futuro é uma experiência instigadora, deste modo, pensando nos próximos passos após esse ciclo, penso em duas possibilidades para um futuro próximo:

A primeira, é entrar no mercado de trabalho, onde pretendo trabalhar em algo relacionado à produção de conteúdos. Pensando em algo relacionado a conteúdo de mídias digitais, pois é uma vertente do Jornalismo em que me sinto confortável e com plenas habilidades de atuação. Porém, não descarto outras possibilidades, como atuação no ramo do rádio ou telejornalismo.

A segunda possibilidade está relacionada à vida acadêmica, por isso concorri ao Programa de Pós Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC). Caso eu não consiga ingressar no programa para o ano de 2020, pretendo ingressar no mercado de trabalho para uma próxima oportunidade concorrer a outros programas de mestrado que tenham como linha de pesquisa algo como comunicação e cidadania. Tenho a pretensão de dar continuidade a este trabalho no mestrado. Algo relacionado à comunicação inclusiva para pessoas com Síndrome de Down.

Não descarto outras possibilidades que possam vir, além das listadas por mim. Tenho consciência de que o primeiro emprego pós-universidade nem sempre é o emprego dos sonhos, porém acredito ter desenvolvido as habilidades necessárias para me adaptar aos ambientes futuros e, deste modo, exercer com louvor a profissão.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. **Acessibilidade em comunicação na televisão**. Disponível em: <http://www.abnt.org.br/mobile/noticias/5074-acessibilidade-em-comunicacao-na-televisao> . Acesso em: 06 de maio. 2019.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

BARBOSA, Suzana. **Bases de dados e Webjornalismo: em busca de novos conceitos**. In: Mesa Novas Tecnologias/Novas Linguagens do 4o Congresso da Sopcom. Universidade de Aveiro, Santiago – PT. 20 e 21 de Outubro de 2005.

_____. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador(BA), Novembro de 2002.

_____. **Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais**. Artigo apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Campo Grande (MS), setembro de 2001.

_____. **Jornalismo digital de terceira geração**. Labcom – Universidade da Beira Interior. 2007. Disponível em: http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf

BARBOSA, Suzana. FIRMINO DA SILVA, Fernando. NOGUEIRA, Leila. ALMEIDA, Yuri. A atuação jornalística em plataformas móveis: Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. Associação Brasileira de pesquisadores em Jornalismo, 2013. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/549/489>. Acesso em: 13 nov. 2019.

BISSOTO, Maria Luiza. **O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais**. Ciências & Cognição; v. 4, n. 2, mar. 2005. Disponível em: [<http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/485>] Acesso em: 05 jan. 2019.

BELOCHIO, Vivian. **Convergência com meios digitais em Zero Hora multiplataforma: a ampliação dos contratos de comunicação a partir da variação dos dispositivos jornalísticos**. V Sipecom, 2013. Disponível em: http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/sipecom1.pdf. Acesso em: 25 de out. de 2019.

_____. **Convergência e a atualização do contrato de comunicação de veículos noticiosos multiplataforma: buscando marcas no dispositivo jornalístico**. Intexto, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/download/22992/18916> Acesso em: 25 de out. de 2019.

BIANCO, Nelia R. Del. Radiojornalismo em Mutação na Era Digital. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/27491823962957002964416215862569997024.pdf> Acesso em: 11 nov. 2019.

BONITO, Marco. **A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital.** Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/28307/0>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BONITO, Marco. **A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital.** Revista Latino-americana de Jornalismo | ANO 3 VOL.3 N.1 João Pessoa – Brasil, 2016.

BONIN, Jiani Adriana. SAGGIN, Livia. **Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa.** Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 16, n. 32, jul./dez. 2017, p. 97-11.

BONIN, Jiani Adriana. **Metodologias de Pesquisa em comunicação: Olhares, trilhas e processos.** [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. Revisando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. p. 19-42.

BOTTINO, P.J.Burns GW. **Genética.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1991.

BRASIL. **Acessibilidade em comunicação na televisão,** ABNT NBR 15290. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/NBR15290.pdf Acesso em: 11 nov. 2019.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web.** Portugal, Universidade da Beira Interior, 1999. Apresentação no I Congresso Ibérico de Comunicação.

DINES, Alberto. **O papel do Jornal.** Summus, 2001. 7ª edição.

FRANÇA, Vera. Livro da XIII Compós - 2004: A comunicação revisitada/ Orgs. Sérgio Capparelli, Muniz Sodré e Sebastião Squirra - Porto Alegre: Sulina, 2005. **Problemas metodológicos e conceituais na análise de programas populares de TV.** p. 85-118.

GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes.** Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/22253/14176> . Acesso em: 180 set. 2019.

GRAY, Jonathan; CHAMBERS, Lucy; BOUNEGRU, Liliana (orgs.). **Manual de jornalismo de dados: como os jornalistas podem usar dados para melhorar suas reportagens.** São Paulo: Abraji/European Journalism Centre, 2013.

JENKINS, Henry. Conclusão. In: _____. **Cultura da Convergência;** tradução de Susana L. de Alexandria. 2ª. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção.** INTERCOM - Rev. Bras. de Com., São Paulo, Vol. XVI, nº 2, pág. 78-86, jul/dez 1993.

MATA, Maria. C. **Comunicación y ciudadanía.** problemas teórico-políticos de su articulación. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, 2006. v. 8, n. 1. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6113>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Produtos midiáticos, estratégias e recepção – a perspectiva transmetodológica**. Ciberlegenda, 2002. v. 9.

_____. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos** [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277.

_____. **Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural**. Intexto PPGCOM, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.713-727>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. Prefácio à edição brasileira. In: LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MARCONI & LAKATOS. Marina de Andrade, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa, 2001.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. In: MACHADO, Elias, PALACIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história**. disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33808/36546/> . Acesso em 25 set. 2019

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na Tv - manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. disponível em: <https://mairabittencourt.files.wordpress.com/2018/04/o-texto-na-tv-manual-de-telejornalismo-vera-iris-paternostro.pdf> Acesso em: 180 set. 2019.

SILVA, Nara Liana Pereira. DESSEN, Maria Auxiliadora. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família**. Interação em Psicologia, 2002, 6(2), p. 167-176.

SOUZA, Daniele. **Jornalismo adaptado a novas telas: um estudo da linguagem jornalística nas novas interfaces móveis**. Disponível em: https://www.academia.edu/33210163/Jornalismo_adaptado_a_novas_telas_um_estudo_da_linguagem_jornal%C3%ADstica_nas_novas_interfaces_m%C3%B3veis. Acesso em: 18 set. 2019.

SGOTI e PERUZZO. Silmara de Mattos, Círcia M. Krohling **A Inter-relação entre Comunicação e Cidadania: os desafios da sua práxis na sociedade pós-moderna marcada pelo consumo**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia - MG. 2015. <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0741-1.pdf>> Acesso em 19 de jun. 2019.

TAMAKI, Juliana; BONITO, Marco. **Pesquisas exploratória e de contextualização sobre o consumo jornalístico das pessoas com síndrome de down**. 2019. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0005-1.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro entrevistas/observação participante

Inicialmente apresentar a proposta do TCC para o participante e seu responsável. A partir disso, ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esclarecer qualquer tipo de dúvidas que possam haver. Pedir o consentimento de gravação dos encontros em áudio.

Conferir a faixa etária pré-estabelecida de (20 a 64) e renda de 1 a 5 salários mínimos (determinado na época como R\$550, portanto de zero a R\$2.750) segundo o último censo.

Questões importantes para serem respondidas:

- Tentar entender como é a cultura midiática do sujeito. Como é o consumo de jornalismo? (Se assiste telejornais, lê notícias na internet ou em jornais impressos, ouve rádio, comenta com a família e amigos sobre notícias que soube...);
- Depois de identificar qual(is) a(s) mídia(s) o sujeito mais consome, propor que assista (ouça) um desses produtos;
- Caso o entrevistado não possua uma mídia de consumo jornalístico, sugerir uma que mais se adequar ao perfil do sujeito;
- Observar as atitudes, olhares, comentários, quaisquer vestígios que possam auxiliar o entendimento do sujeito e seu consumo;
- Após o consumo do produto pedir ao participante que responda o que ele entendeu das reportagens. Quais comentários ele quer fazer sobre isso?
- Isso de alguma forma influenciou a vida cotidiana do sujeito? (ex: futebol, ele irá comentar durante o dia sobre a escalação do seu time para o próximo jogo? Ou então sobre cultura, tal reportagem sobre um filme o faz querer ir ao cinema ou alugar o filme para assistir?);
- Tentar identificar se a cultura midiática do sujeito interfere no modo como ele exerce a cidadania;

ANEXOS

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: O consumo de Jornalismo pelas pessoas com Síndrome de Down

Pesquisador responsável: Marco Bonito (Orientador)

Pesquisadores participantes: Juliana Tamaki

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular do pesquisador para contato: (55) 99674-1178 - Juliana /

(55) 98122-3102 - Marco

Eu Professor Drº Marco Bonito, orientador da pesquisa “O CONSUMO DE JORNALISMO PELAS PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN”, juntamente com a graduanda Juliana Tamaki, o convidamos a participar como voluntário deste estudo que virá a se tornar o trabalho de conclusão de curso de Jornalismo.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como é o consumo de produtos jornalísticos pelas pessoas com síndrome de down do município de São Borja. A partir dessa investigação inicial a pesquisadora poderá colher dados e informações relevantes e importantes para a pesquisa. Essa investigação se justifica, principalmente, pela falta de propostas científicas relacionadas a este público, objeto e tema.

O(A) participante será investigado durante três a cinco encontros, que devem ocorrer, preferencialmente, em sua própria residência em dias e horários à combinar, de acordo com a disponibilidade e metodologia da pesquisa. Nesses encontros, a pessoa com síndrome de down será convidada a consumir um produto jornalístico de sua preferência sob acompanhamento da pesquisadora.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Não há riscos físicos ao voluntário. Já os benefícios, são inúmeros para a comunidade acadêmica, já que com essa pesquisa pode-se identificar o consumo de conteúdos jornalísticos desses indivíduos, que até o momento não foi mapeado pela comunidade científica.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a realização da pesquisa serão assumidos pela pesquisadora, como despesas de deslocamento (passagens, condução, por exemplo).

Não será utilizado nenhuma forma de gravação de vídeo, eventualmente, caso necessário a pesquisadora pode solicitar o uso de gravador de voz para registro dos dados de melhor forma, desde que previamente autorizado pela pessoa responsável. Os nomes e identidades serão mantidos em sigilo e trocados por pseudônimos e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora. Os resultados deverão ser divulgados em publicações científicas, mostrando e analisando os resultados obtidos como um todo. Desta forma, não violando o termo de confidencialidade firmado.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Nome do Participante da Pesquisa / ou responsável: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome do Pesquisador Responsável: _____



Assinatura do Pesquisador Responsável

São Borja, ____ de outubro de 2019.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguiana – RS. Telefones: (55) 3911 0200 – Ramal: 2289, (55) 3911 0202. E-mail: cep@unipampa.edu.br

ANEXO B: TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Comitê de Ética em Pesquisa
Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592
Prédio Administrativo – Sala 23
Caixa Postal 118
Uruguaiana – RS
CEP 97500-970
Telefones: (55) 3911 0200 – Ramal: 2289,
(55) 3911 0202.
E-mail: cep@unipampa.edu.br

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Consumo Jornalístico de pessoas com Síndrome de Down

Pesquisador responsável: Marco Bonito e Juliana Tamaki

Campus/Curso: São Borja/ Jornalismo

Telefone para contato: (55) 99674-1178 Juliana / (55) 98122-3102 - Marco

Local da coleta de dados: Apae São Borja

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade e o anonimato dos sujeitos cujos dados serão coletados através dos encontros realizados em parceria com a Apae São Borja. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto de pesquisa. As informações somente poderão ser divulgadas preservando o anonimato dos sujeitos e serão mantidas em poder do responsável pela pesquisa, Prof. Pesquisador Marco Bonito por um período de 5 anos. Após este período, os dados serão destruídos.

São Borja, 14 de agosto de 2019.



Juliana Tamaki

RG: 40.372.908-7

Matrícula: 161152501

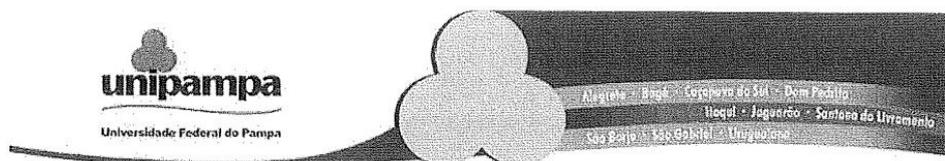


Marco Bonito

RG: 9.252.445

Siape: 1728808

ANEXO C: INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE



Os pesquisadores Juliana Tamaki e Marco Bonito responsáveis pela execução da pesquisa intitulada "O consumo de Jornalismo de pessoas com Síndrome de Down" solicitam autorização para realização da referida pesquisa nesta instituição, que em caso de aceite passa a ser co participante do projeto. A autorização fica **condicionada à prévia aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa** (Prédio Administrativo da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592 – Uruguaiana – RS – telefones: (55) 3911 0200 – Ramal: 2289 (55) 3911 0202, – e-mail: cep@unipampa.edu.br) devidamente registrado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS), respeitando a legislação em vigor sobre ética em pesquisa em seres humanos no Brasil (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12 e regulamentações correlatas).

Em resposta a solicitação:

Eu, Tatiane Matter Bortolotto, ocupante do cargo de diretora na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), autorizo a realização de primeiro contato e pré-entrevistas nesta instituição, para a pesquisa sobre o consumo jornalístico de pessoas com Síndrome de Down, sob a responsabilidade do pesquisador Juliana Tamaki e Marco Bonito tendo como objetivo primário analisar como é o consumo de produtos jornalísticos pelas pessoas com Síndrome de Down do município de São Borja.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

São Borja, 14 de agosto de 2019.

Tatiane Matter

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição co-participante

APAE
São Borja
CNPJ 90.791.922/001-57